



BOLETIM INFORMATIVO

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Ano LVIII | Nº 1 | janeiro a abril 2023



Boletim Informativo das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo

PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

Janeiro a abril **2023**

PALAVRA DA VISITADORA	03
PALAVRA DO PADRE DIRETOR	05
FORMAÇÃO PERMANENTE	
- A consagração vicentina pelos votos. Reflexões e desafios	08
- Luz de Pentecostes - 400 anos	26
A IGREJA	
- Dez anos depois daquele “boa noite”: A autoridade da Igreja e a tradição que caminha	33
- Novo beato da Família Vicentina: Pe. Henri Planchat	35
COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS	
- Santas Missões Populares Vicentinas 2023	37
NOTÍCIAS	
- 5ª Jornada Pedagógica da Rede Vicentina de Educação – 2023	40
- Acolhida Vicentina: Bênção das Mochilas	44
- REV 2023	45
- Encontro de Animadoras Vocacionais	48
- Tarde Vocacional em Vila Velha/ES	50
- Encontro das Afiliadas	51
- Jeito Vicentino de Educar: assim começou, assim continua!	54
- É Páscoa!	61
- Encontro de Irmãs Jovens em Nova Friburgo	69
- Encontro Vicentino: Vocação e Missão	71
NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI	72
SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR	75



COMPANHIA DAS
FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO

PALAVRA DA VISITADORA

Ir. Selma Aparecida dos Santos, fc



“No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou fazendo oração na igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido, e tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade com pessoas que o fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo; não podia, porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria idas e vindas”.

(Luísa de Marillac, E.3)

Ao iniciarmos este novo ano, podemos marcá-lo com o propósito de viver cada dia intensamente, na gratidão a Deus que nos concede o dom da vida e da vocação de Filha da Caridade.

Este ano marca o 4º centenário da Luz de Pentecostes, experiência que guiou Santa Luísa nos passos da vontade de Deus e revelou para ela o nascimento da Pequena Companhia. É, portanto, um ano de graças e de luzes para a Companhia.

Como podemos marcar este acontecimento tão importante em nossa Província e em nossas vidas?

Fazer memória da Luz de Pentecostes é uma ocasião para renovar a fé, reacender a esperança, atenuar dúvidas e caminhar com mais segurança nos caminhos onde Deus nos colocou. A experiência de 4 de junho de 1623, foi para Luísa um encontro com sua realidade pessoal, de mulher, mãe, esposa e filha de Deus. A luz que reacendeu em Luísa a certeza do amor de Deus, também a colocou novamente no caminho da fé e a conduziu na confiança na Divina Providência de Deus que não falha. Confiar é um dom e ao mesmo tempo uma graça!

A Luz de Pentecostes conciliou Luísa com a sua história e ela pode enxergar com mais clareza o seu futuro. Muitas vezes quando não nos colocamos diante do Senhor para buscar a sua vontade, o seu querer, podemos deixar que as dúvidas, tristezas e inseguranças tomem um espaço exagerado dentro de nós, tirando-nos do foco, do propósito que Deus tem para nós.

Nossa Fundadora teve a graça da revelação do nascimento da Pequena Companhia e, ainda, sobre seu estilo de vida, sua identidade própria: uma Companhia dos Pobres, indo e vindo ao serviço dos doentes em suas próprias casas.

Que a celebração deste Jubileu possa reacender em nós a certeza de que Deus é quem conduz a nossa vida e a pequena Companhia. Que este ano seja para nós o ano do Espírito, da Luz de Pentecostes e nos ajude a colocarmo-nos nos braços da Divina Providência. Como Filhas de Santa Luísa, abramos o nosso coração para acolher as luzes que o Senhor deseja irradiar no mundo, através de nossas vidas, assim como o fez Santa Luísa.

PALAVRA DO PADRE DIRETOR

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm

Hoje vivemos num mundo complexo, acelerado e hiperconectado, sem perder também muitas outras características como a possibilidade de encontrar serenidade e mesmo “oásis” que nos surpreendem positivamente durante a jornada. Nessa realidade temos de fazer escolhas diariamente que concernem às pessoas com as quais convivemos, trabalhamos, e, às vezes, são tão vulneráveis quanto nós, ou mais vulneráveis do que nós.

A complexidade do nosso mundo parece ser mais estrutural, não se justificando apenas pelo contexto. Isto se torna bastante evidente quando pensamos que na nossa condição humana, quando se trata das coisas mais fundamentais da vida, nós fazemos promessas: fazer uma promessa é procurar oferecer uma garantia perene – a Deus, a uma Comunidade, ao outro, etc. – tanto quanto nós o podemos, a partir da nossa liberdade, visando justamente o que nós não podemos controlar, isto é, as circunstâncias da vida, as contingências da vida frágil, o que acontecerá amanhã, a saúde, a doença, a avidez do coração das pessoas e a vontade de poder no coração humano, etc.. Ao mesmo tempo, no que se refere novamente à nossa condição humana, as situações nos lugares onde chegamos ou estamos são sempre herdadas. Dificilmente encontramos situações e contextos que são terreno virgem, onde cada coisa está no seu devido lugar.

Tudo isso nos afeta, nos situa e nos condiciona. Além disso, nos retira da ilusão de que vivemos num mundo em que somos livres se podemos, a qualquer momento, o que queremos. Junto com isto consideremos que a nossa humanidade é marcada pelo pecado de modo que, às vezes, não se trata da falha ou pecado de tal pessoa individual ou de outra pessoa determinada, mas de “*estruturas de pecado*, as quais se radicam no pecado pessoal e, por consequência, estão sempre ligadas a *atos concretos* das pessoas, que as fazem aparecer, as consolidam e tornam difícil removê-las. E assim, elas reforçam-se, expandem-se e tornam-se fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos homens”¹.

O impacto disso, projetado sobre nós, em particular sobre as juventudes

¹ SÃO JOÃO PAULO II, Carta Encíclica Sollicitudo rei socialis (30/12/1987), n. 36. Ver também, Ex. Apost. Reconciliatio et Paenitentia (2/12/1984), n. 16.

de hoje, é imenso e atinge todo um leque de esperanças comuns²: esperança de estabilidade, de paz, de prosperidade econômica, de horizontes de futuro a longo prazo. Todavia, Deus nos interpela sobretudo quando nossos projetos humanos legítimos, que compartilhamos, alimentados pelo otimismo, perdem seu objeto (por exemplo, a perda da paz em tal região, país, comunidade; ou a perda da alegria da vocação consagrada, do sacerdócio; ou a felicidade no casamento; a alegria de viver de modo saudável e se doar, etc.), perdem sua segurança e quando os possíveis das nossas vidas sobre os quais podemos nos apoiar para nos orientar se ofuscam, ou se tornam estreitos ou aparentemente fechados, sem saída, é neste momento bem específico que a Esperança torna-se essencial. A Esperança é um modo de orientação indispensável, no meio da escuridão, no meio do ofuscamento, do estreitamento, para que nossas existências se manifestem criativas, resilientes, na peregrinação da vida com seus lutos, impasses, perdas, fracassos, anseios, buscas, incertezas, encruzilhadas. Ser pessoas consagradas, amadas por Deus, diante da vida como esta se nos apresenta, supõe que tenhamos a cada dia a *coragem de escolher a Esperança e sermos testemunhas da Esperança*: “a fé em Jesus nos conduz a uma Esperança que vai mais além, a uma certeza fundada não só nas nossas qualidades e habilidades, mas na Palavra de Deus, no convite que vem d’Ele”³, na Sua Promessa. Diante do que nos parece impossível é que a Esperança alcança sua mais sublime força e pertinência, fazendo-se particularmente indispensável. A Esperança que nos habita e está para além de nossas capacidades e habilidades, como nos indica acima o Papa Francisco, nos configura, nos molda para permanecermos de pé na adversidade, porque o objeto da Esperança é um bem possível para Deus, não controlável e inesperado por nós, fora do nosso alcance, a ser recebido como um puro dom de Deus ou de um outro, irmão ou irmã, instrumento dessa Esperança. Todo ser humano tem necessidade, num momento ou noutro, talvez sempre, de Comunidades de Esperança. Portanto, a Esperança é o sentido segundo o qual numa situação difícil, aparentemente sem saída, um bem que nós não conhecemos é ainda possível, e, se esse bem se realizar, será para nós uma completa surpresa. Tomemos como exemplo o Povo bíblico. Ninguém sabia que atravessar o Mar Vermelho a pé enxuto fosse possível, a menos de se comprometer nessa travessia. O que até então era tido como inconcebível, impossível, advém, irrompe, e o Povo se dá conta que isso era uma possibilidade. Mas como algo inesperado, obra da força e da Promessa de Deus. Deus forja o seu Povo segundo sua Promessa e orienta-o rumo a Sua Promessa.

² Cf. PAPA FRANCISCO, Ex. Apost. Pós-Sinodal *Christus vivit* (25/3/2019), n. 71-102. Nos ajudou também na elaboração deste texto a conf. do professor E. Durand, *Espérer en Dieu et discernements complexes* (2022), << Vidéos et conférences | Chaire de théologie dogmatique | Université de Fribourg (unifr.ch) >>. Nossa gratidão e reconhecimento.

³ Cf. PAPA FRANCISCO, *Christus vivit*, n. 141.

A Esperança pode nos ajudar a gerir a realidade cotidiana, sobretudo em situações de conflito no trabalho, nos lugares de convivência e encontros, e quando todos os recursos da nossa paciência segundo nossas capacidades puramente humanas já se esgotaram. Embora nós, às vezes, não possamos suportar por mais tempo tal situação humanamente falando, podemos ainda ter Esperança, receber como um dom uma liberdade, uma paciência que nos ultrapassa, que não vem apenas de nós, e sim como um Dom que vem só de Deus. Em tal situação difícil ou de conflito, sabemos que só Deus pode dilatar nossa paciência e nos ajudar a esperar, no que é impossível para nós, algo que é possível para o Senhor nosso Deus.

De maneira semelhante, em certas situações podemos tender a pensar que não há mais nada de bom, ou quase nada de bom a esperar de tal instituição, de tal relação, da nossa realidade, do mundo, etc. Isso é o nosso julgamento natural. Todos os possíveis humanos de transformação parecem fechados diante do nosso juízo. A Esperança requer de nós uma outra escolha numa tal situação: escolher permanecer abertos a um Dom de uma outra ordem, sobre a possibilidade da irrupção do bem como um dom onde nós não vemos como o bem poderia surgir. A Esperança nos manifesta que nossa realidade, nossa humanidade, nossas circunstâncias, são tão complexas e contingentes que os fechamentos não são nunca totais como pretendem nossos juízos.

Podemos ter sempre Esperança, ser testemunhas da Esperança, porque para além de nossas forças e fraquezas, e das pessoas com as quais estamos em contato, toda criatura é disponível, misteriosamente, à ação de Deus, toda criatura pode ser tocada, mudada, dilatada pela graça de Deus. O impossível para tal pessoa, tal perfil, tal temperamento, não é impossível para o Senhor.

Na caminhada cotidiana temos de ser razoáveis, prudentes e responsáveis, e podemos sê-lo sempre abertos(as) à Esperança, como testemunhas da Esperança. Podemos esperar através da criatividade do amor e da caridade e na força da oração, como nô-lo ensinaram São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac. A Esperança, Comunidades de Esperança, assim como a oração, Comunidades Orantes, podem ter grandes consequências positivas, transformadoras, no mundo atual e na realidade de nossas vidas em qualquer situação e lugar em que estejamos.

FORMAÇÃO PERMANENTE

A CONSAGRAÇÃO VICENTINA PELOS VOTOS. REFLEXÕES E DESAFIOS

Pe. Vandeir Barbosa de Oliveira, cm
Diretor Provincial

“Desde que tendes o nome de Filhas da Caridade deveis ser fortes e sabeis que a verdadeira caridade tudo ama e tudo suporta.”

(S. Luísa de Marillac, Carta à Irmã Joana Lepintre, agosto de 1648, Correspondência e Escritos, p. 288)

Cada Instituto de Vida Consagrada é animado de um patrimônio espiritual próprio, consignado e atualizado, juntamente com os documentos fundamentais da formação, do governo e do objeto próprio dos vínculos sagrados (cf. cân. 587, §1), isto é, dos votos e do estilo de vida próprio, o qual é forjado e reconhecido pela sua Tradição e Virtudes vicentinas.

A expressão ‘conselhos evangélicos’ remete à diferença tradicional entre ‘preceito’ e ‘conselho’ (cf. cân. 1191-1198). Preceito refere-se ao que é obrigatório para toda pessoa que deseja seguir a Cristo; conselho refere-se a uma resposta não necessária a um convite de Cristo, expresso por Ele mesmo neste “Se queres...” (cf. Mt19, 12; cf. também 1Cor7, 40).

O Concílio Vaticano II afirma que “os conselhos evangélicos da castidade consagrada a Deus, da pobreza e da obediência se baseiam nas palavras e exemplos do Senhor. São recomendados pelos apóstolos e Padres da Igreja. Constituem um dom divino que a Igreja recebeu do seu Senhor e conserva. A própria autoridade da Igreja, guiada pelo Espírito Santo, cuidou de interpretá-los, regulamentar-lhes a prática e de estabelecer também formas estáveis de vida” (LG, nº 43; cf. cân. 575 e 576).

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* sublinha que os conselhos evangélicos, pelos quais Cristo chama algumas pessoas a entrar na sequela *Christi* assumindo sua experiência de pessoa virgem, pobre e obediente, supõem em quem acolhe o chamamento, o desejo claro de conformação total ao Senhor, pois a Vida Consagrada (VC) é “memória viva da forma de existir e atuar de Jesus”¹. Por isso, assumindo a castidade, a pobreza e a obediência, as pessoas consagradas confessam que Jesus é o modelo, a Regra.

¹S. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, nº 22.

Quanto à regulamentação dos conselhos evangélicos, o Código de Direito Canônico leva em conta principalmente o direito próprio de cada Instituto: “Cada Instituto, de acordo com a índole e os fins que lhe são próprios, defina em suas constituições o modo segundo o qual serão observados, conforme o próprio teor de vida, os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência” (cân. 598, §1).

Quanto à Companhia das Filhas da Caridade, segundo seu direito próprio, é o voto de serviço de Cristo nos pobres que oferece a orientação e o horizonte para os três votos clássicos da Vida Consagrada (VC).

Independentemente dessa formulação dos conselhos evangélicos segundo os diversos Institutos, o conteúdo daqueles é sempre totalizante e indissociável de Cristo, atinge a vida toda, pois o amor de onde surge e para o qual conduz deve ser total: “Todos os membros, porém, devem não só observar fiel e integralmente os conselhos evangélicos, mas também organizar a própria vida de acordo com o direito próprio do instituto e tender assim à perfeição de seu estado” (cân. 598, §2).

A palavra ‘voto’, do latim *votum*, vem do particípio passado do verbo latino ‘voveo’. Para os gregos, a palavra ‘voto’ - *euché* -, tem caráter de oferenda, mais do que promessa feita à divindade. O verbo - *éuchomai* - do qual deriva o substantivo ‘*euché*’, pode significar orar, pedir e, inclusive, dar graças, ligando-se a ‘eucaristia’.

São Clemente de Alexandria usa a palavra *euché* para se referir ao propósito daquele que deixa seus bens para seguir Jesus Cristo, ou seja, para expressar a oblação feita de uma vez por todas. Para Orígenes, a palavra *euché* traduz a livre oblação do ser humano que atrai a bênção de Deus: oferecer a si mesmo e agradecer a Deus é o voto por excelência². Dessa forma, os votos pelos quais as pessoas consagradas fazem oblação de si a Deus e assumem o compromisso de viver os conselhos evangélicos conferem radicalidade total à resposta de amor.

A castidade dilata o coração até a medida do coração de Cristo e capacita a amar como Ele amou. A pobreza liberta das coisas e necessidades supérfluas às quais instiga a sociedade de consumo, e faz com que acolhamos o Cristo, único tesouro pelo qual realmente vale a pena viver e compartilhá-lo como única riqueza com a humanidade empobrecida. A obediência é livre oferenda da vida inteiramente nas mãos do Senhor, para que Ele se disponha dela segundo o desígnio de Deus Pai e faça dela uma obra-prima.

¹ Cf. Mariano J. Sedano, “Votos religiosos”, pp. 1182-1183 [pp. 1182-1191], In.: A. A. RODRIGUEZ; J. CANALS CASAS, DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA, São Paulo, Paulus, 1994. Trad. do espanhol por Honório Dalbosco e L. Costa.

Na Companhia, os votos de castidade, pobreza e obediência ratificam nosso “sim” ao chamamento para seguir a Jesus Cristo Servidor dos pobres. O chamamento de Jesus Cristo que nos alcançou é o “vem, segue-me!”; por isso Jesus Cristo é a Regra para as Filhas da Caridade, de modo que, tudo, alegrias e vicissitudes, entra na afeição do primeiro amor por Cristo, de modo que nem a morte as separe Dele, mas as una cada vez mais a Ele.

Veremos que a chave da vocação de cada Irmã é a entrega total de si, em Comunidade, para o serviço de Cristo nos pobres, continuando assim a missão de Cristo Servidor, casto, pobre e obediente, segundo o estilo de vida próprio da Companhia. Esta entrega é confirmada e ratificada quando a Irmã emite os votos próprios da Companhia. Por isso, desejo que a renovação anual dos votos, neste ano de 2023, ajude cada Irmã a viver em fidelidade e liberdade crescentes a vocação vicentina nos seus contextos e desafios.

Louvo e agradeço ao bom Deus pela renovação do SIM de cada Irmã, Filha da Caridade, que se une ao FIAT da Bem-Aventurada Virgem Maria, em entrega total e plena de esperança, neste dia 25 de março de 2023. Louvo e agradeço também ao Senhor, queridas Irmãs, por suscitar em cada uma, a cada ano de renovação, o desejo de dar sempre uma resposta fiel e alegre ao Senhor no dia a dia.

Vamos refletir sobre cada um dos votos, procurando também trazer alguns desafios na vivência destes. No final de cada reflexão acerca de cada voto, apresentaremos também um “para refletir”, a fim de oferecer-lhes uma oportunidade de retomada da reflexão através da oração e de uma pequena síntese.

O VOTO DE SERVIÇO DE CRISTO NOS POBRES

O voto de serviço de Cristo nos pobres não é simples acréscimo numérico nem tampouco desenvolvimento do conteúdo da tríade clássica dos votos. Ele é a explicitação da identidade e do compromisso fundante e originante da maneira pela qual S. Vicente de Paulo e S. Luísa de Marillac seguiram Jesus Cristo, que se fez nova obrigação voluntária, por voto, assumida segundo as Constituições:

“Para segui-lo [Cristo Adorador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres] e continuar sua missão, as Filhas da Caridade escolhem viver total e radicalmente os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência que as tornam disponíveis à finalidade da Companhia: *O serviço de Cristo nos pobres*” (8b; cf. também 8a).

Desse modo, ao assumirem os conselhos através do voto, as Filhas da Caridade o fazem para se tornarem “mais disponíveis à finalidade da Companhia: o serviço de Cristo nos pobres” e como confirmação de sua doação total ao Senhor (cf. C. 15). A vivência concreta dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência na Companhia sempre está ligada ao serviço de Cristo nos pobres.

À luz dessa finalidade apostólica, as Filhas da Caridade, em cada Comunidade, procuram organizar seu estilo de vida e discernir que estruturas e práticas devem manter, atualizar, redimensionar ou deixar, todavia sem jamais perder de vista a “fidelidade criativa” ao próprio carisma, conforme o espírito legado pelos Santos Fundadores:

“Desde as origens São Vicente e Santa Luísa, respondendo aos apelos de seu tempo, enviaram as Filhas da Caridade ao encontro dos pobres. Assim puderam conservar a mobilidade e a disponibilidade necessárias e viver no meio daqueles a quem serviam” (C. 12a).

E também:

“Em vista do serviço de Cristo nos pobres a Comunidade local elabora seu Projeto Comunitário. Cada Filha da Caridade está aberta e receptiva ao pensamento de suas Irmãs. Quaisquer que sejam sua idade, sua função, seu serviço, sente-se responsável em contribuir com todos os recursos de sua personalidade e as riquezas de sua cultura à missão comum” (C. 35a).

Aqui encontramos algo essencial em cada Comunidade: elaborar o Projeto Comunitário em vista do serviço de Cristo nos pobres; estar aberta e receptiva às Irmãs da Comunidade local, primeiro lugar de pertença (cf. C. 34); sentir-se responsável, com todo seu ser, por contribuir na missão comum.

Neste voto se concentra num só lugar a totalidade de nosso compromisso, isto é, a finalidade apostólica da Companhia, a tal ponto que passa a ser o voto de serviço de Cristo nos pobres que oferece o horizonte e anima o modo de compreender e de traduzir na prática a castidade, a pobreza e a obediência como expressões e meios para ajudar a melhor responder ao chamamento amoroso de Deus para servir aos mais pobres, na mística do “caminhar juntas” para servir, como Comunidade, aos mais pobres. O voto de serviço de Cristo nos pobres é expressão da forma concreta do seguimento radical de Jesus transmitido pelos Fundadores às suas filhas: doar-se totalmente a Deus no serviço corporal e espiritual dos pobres no seguimento radical de Cristo casto, pobre e obediente. Este voto torna-se assim sinal profético e selo da vocação da Filha da Caridade.

Esta profunda configuração com Cristo Servo dos pobres, da humanidade sofredora, através deste voto especial vincula a Filha da Caridade ao Cristo adorador do Pai e Evangelizador/Servidor dos pobres, tornando-a capaz de manifestar na Igreja o aspecto do Mistério Pascal de Cristo enviado para libertar o ser humano do que o oprime, sobretudo os mais pobres e marginalizados. Neste voto assumimos o compromisso de nos doarmos inteiramente ao Senhor no serviço dos pobres; promover Comunidades fraternas que favoreçam o progresso espiritual das Irmãs para a Missão junto aos mais empobrecidos; despertar vocações para a Igreja, para a Companhia a fim de dar continuidade ao serviço dos pobres, segundo o carisma vicentino; de nos empenhar para orientar a Companhia na direção do carisma dos Fundadores; de perseverar na vocação até no meio das maiores dificuldades pessoais ou de nossa família religiosa; aspirar à perfeição da caridade pela observância das Constituições (cf. Cân. 731, §1), que é nosso caminho luminoso e diário para a santidade.

O serviço de Cristo nos pobres impregna nossa expressão e vivência dos três conselhos evangélicos tradicionais, caracteriza nossa vida de oração, nossa vida comunitária e fraterna, e nosso apostolado.

Neste voto aparece a paixão por Cristo Servo e pela humanidade empobrecida, o desejo de levar o seguimento de Jesus Servo dos pobres até ao extremo, segundo as Constituições, notadamente através da disponibilidade para sair ao socorro de todas as formas de pobreza em toda parte (cf. C. 10b e 11b). Neste sentido, este voto especial é compromisso que toca, interage, reflete em e constitui todas as nossas relações com a Companhia, com a Igreja e com aqueles(as) a quem somos destinados no serviço apostólico.

Para refletir:

1/ Constituições: “Em vista do serviço de Cristo nos pobres a Comunidade local elabora seu Projeto Comunitário. Cada Filha da Caridade está aberta e receptiva ao pensamento de suas Irmãs. Quaisquer que sejam sua idade, sua função, seu serviço, sente-se responsável em contribuir com todos os recursos de sua personalidade e as riquezas de sua cultura à missão comum” (nº35a; cf. também, nº32a).

2/ Constituições: “A ação apostólica das Filhas da Caridade alimenta-se da contemplação a exemplo do Filho de Deus que, embora intimamente unido ao Pai, retirava-se muitas vezes para rezar” (nº21a).

3/ Documento Interassembleias 2021-2027: “ ‘Ephata’! O tema das Assembleias comprometeu a Companhia num processo de abertura. As partilhas colocaram em

evidência que a primeira etapa era a do olhar de fé, da referência à Palavra de Deus, da atenção aos nossos irmãos e irmãs, de uma visão clara do nosso carisma... ter os olhos abertos para Deus, para o mundo” (p.7).

“No mundo de hoje, certas realidades (correntes de pensamento, formas de viver...) levam à vida e outras à morte. Dedico tempo a identificá-las, a medir o seu impacto na minha vida e, em particular, na prática dos votos?” (Guia “Preparar-se para os votos...”, 2021, p.40).

Que desafio(s) constato, hoje, na vivência do voto de serviço de Cristo nos pobres?

Apontamos aqui o desafio do individualismo/autorreferencialidade: “O individualismo não nos torna mais livres, mais iguais, mais irmãos. A mera soma dos interesses individuais não é capaz de gerar um mundo melhor para toda a humanidade. Nem pode preservar-nos dos tantos males, que se tornam cada vez mais globais. Mas o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer. Ilude. Faz-nos crer que tudo se reduz a deixar a rédea solta às próprias ambições, como se acumulando ambições e seguranças individuais, pudéssemos construir o bem comum” (Papa Francisco, Fratelli tutti, nº105).

E também o desafio da conversão sinodal/mística do ‘caminhar juntas’(os): Todos são chamados a fazerem “a passagem pascal do ‘eu’ individualisticamente entendido para o ‘nós’ eclesial, em que o ‘eu’, sendo revestido de Cristo (Gl 2,20), vive e caminha com os irmãos e as irmãs como sujeito responsável e ativo na única missão do povo de Deus” (CTI, A sinodalidade na vida e na missão da Igreja, nº107).

O voto é um meio que dá força à Filha da Caridade, a toda pessoa consagrada, e a capacita para superar dificuldades e momentos de crise, para viver na gratidão, orienta todas as forças do ser para o serviço generoso aos pobres, libertando-a de interesses pessoais para se tornar mais disponível ao serviço da humanidade empobrecida e sofredora. Na minha caminhada, tenho fé, acredito que o voto é um meio pelo qual a graça de Deus me sustenta e dá força diante dos desafios e nas dificuldades e me ajuda a progredir na minha doação total ao Senhor?

“Confiemos na bondade de Deus e na força do seu Espírito que pode fazer novas todas as coisas. Nesta Renovação, questionemo-nos: O que o meu Sim trará de ‘novidade’ para minha vida, para a vida da Comunidade e para a missão onde estou inserida?” (Irmã Selma Aparecida dos Santos, Visit., “Circular nº6/2023”, 20/03/2023).

O VOTO DE CASTIDADE

O conselho evangélico da castidade é o primeiro na tríade clássica, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II. Ele é posto em primeiro para traduzir a origem profunda da Vida Consagrada: ela brota do amor de Deus e conduz a Ele, de tal modo que Deus seja a única causa, motivo e meta da vida da pessoa consagrada. O amor é totalizante e a castidade é essa atitude radical de consagração no Amor, “resposta de amor a um apelo de Amor”³, amor infinito que dilata os corações para colocar-nos à disposição da Companhia para melhor servir aos irmãos e irmãs, segundo o nosso possível.

O voto de castidade toca profundamente a vida afetiva da pessoa de modo positivo, pois é expressão concreta de quem deseja viver o amor sem divisões. Sem uma adequada compreensão deste voto, pode-se enveredar por uma atitude negativa, e cair no “não pode isso”, “não pode aquilo”... – e a ela dar primazia. Neste sentido, Santa Luísa de Marillac nos orienta imensamente ao afirmar que “a castidade é uma virtude, ó meu Deus, que honra a unidade e a simplicidade de vosso ser e que desapegando a alma de todos os afetos capazes de dividi-la, coloca-a no caminho da íntima união com vossa divindade”⁴. A castidade é uma virtude que desapega, desafeiçoa o coração dos afetos, apegos, relações, inclinações que podem cindi-lo; liberta o coração, abrindo nele o caminho da íntima união com Deus, que se expressa na unidade e na simplicidade do ser da pessoa consagrada, refletindo assim algo do ser profundo das pessoas divinas da Trindade.

O voto de castidade é fruto do Amor fontal de Deus em pleno transbordamento. Então a resposta a esse Amor não seria compatível com uma divisão interna do coração, daí a importância do ensinamento de Santa Luísa convidando ao desapego de tudo o que divide o coração. Portanto, a continência assumida com o voto não concerne apenas à abstenção de atos sexuais externos, mas também em relação

³ Constituições das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, nº 29b.

⁴ *Gobillon*, ed. de 1676, Liv. 5, cap. 5, p. 286. Apud.: Constituições das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, p. 70

aos desejos internos, intenções da mente e desejos do coração (cf. Mt5, 28). No seu ensinamento sobre o puro e o impuro, Jesus afirma que a maldade vem de dentro (cf. Mt7, 14-23). Além disso, castidade e continência estão ligadas, particularmente, à virtude da temperança que ajuda a pessoa a ter domínio de si e de seus impulsos sexuais⁵.

No Novo Testamento, Jesus fala da castidade explicitamente em Mt19, 12: “Há eunucos que assim nasceram do seio materno; há eunucos que o foram feitos pelos homens; há eunucos que assim se fizeram, por causa do Reino dos Céus. Quem puder compreender, compreenda”. Na última afirmação, São Mateus mostra que a castidade se origina num chamamento amoroso da parte de Deus e numa resposta totalmente livre para seguir o Cristo.

São Paulo, por ocasião de um ensinamento aos cristãos de Corinto sobre o casamento e a virgindade, entre tantas coisas, afirma: “Quem não é casado preocupa-se com as coisas do Senhor, em como agradar ao Senhor” (1Cor7, 32). O que se casa deve se voltar para a sua esposa, e vice-versa, no amor santificado pelo Cristo; o que não se casa deve buscar em tudo agradar ao Senhor sem distrações e sem divisões no coração. Agradar ao Senhor é renunciar a si mesmo para fazer não a própria vontade, e sim a do Senhor (cf. Ef5, 17; Rm15, 1).

A castidade de Jesus é sinal de sua comunhão total com Deus Pai na unidade do Espírito e aponta para a sua Missão salvífica no horizonte da qual repousa o destino de toda a humanidade. Desse modo, assumir a castidade consagrada é afirmar e potencializar as capacidades de amor presentes na natureza humana. A graça age no terreno da nossa natureza humana, sem dela prescindir, e faz com que ela manifeste todo o seu vigor para o bem quando a cultivamos abertas(os) ao Espírito do Senhor.

A renúncia da atividade sexual, no caso da continência, deve ser escolhida como uma opção feita livremente pela pessoa consagrada, em razão de valores elevados e nobres pelos quais vale a pena viver na fidelidade e na alegria a entrega total a Deus. Renunciar à atividade sexual não é reprimir ou suprimir a sexualidade, mas viver uma sexualidade equilibrada e integrada indispensável a todo ser humano na busca contínua de relacionar-se de maneira saudável com o próximo, do mesmo sexo ou do sexo oposto. A castidade também deve propiciar um justo equilíbrio entre o corpo e o espírito, sobretudo pela busca da pureza, enquanto dinamismo

⁵ A virtude da temperança faz depender da razão as paixões e os apetites da sensibilidade humana, cf. ClgC, nº 2341. Ver também, nºs 2339-2341. E D. Anselmo Chagas de PAIVA, A Vida Consagrada no Código de Direito Canônico, p. 70, São Paulo, Paulus, 2022. Este belo livro de Dom Anselmo nos serviu de apoio sólido nesta reflexão.

que torna a pessoa íntegra de corpo e espírito nas suas relações consigo mesma, com o próximo, com Deus, com a Comunidade, e com a criação.

Na vivência da castidade, dom de Deus, a afetividade da pessoa consagrada deve dilatar-se às dimensões do coração de Cristo, isto é, expandir-se em direção a Deus, numa doação incondicional, e aos mais pobres e abandonados numa total disponibilidade para servi-los⁶ em nome de um Amor incondicional. Não teria sentido, nem valor uma castidade que atrofiasse a afetividade, o humano. Ao contrário, a pessoa consagrada é chamada a tornar-se cada vez mais livre para um amor maior, sem fronteiras (cf. Lc10, 25-37), para uma realização afetiva mais plena, na intimidade com Deus aberta ao serviço dos irmãos e irmãs, isto é, a viver uma castidade fecunda⁷.

Para refletir:

1/ Santa Luísa de Marillac: “A castidade é uma virtude, ó meu Deus, que honra a unidade e a simplicidade de vosso ser e que desaparecendo a alma de todos os afetos capazes de dividi-la, coloca-a no caminho da íntima união com vossa divindade”⁸.

2/ São Vicente de Paulo: A castidade testemunha o amor preferencial pelo Senhor. “Amar a Deus... mais que tudo, mais que ao pai, mãe, parentes e amigos, ou qualquer outra criatura, é amá-lo mais do que a si mesmo”⁹.

3/ Código de Direito Canônico: “O Conselho evangélico da castidade, assumido por causa do Reino dos céus e que é sinal do mundo futuro e fonte de maior fecundidade num coração indiviso, implica a obrigação da continência perfeita no celibato” (cân.599).

4/ A castidade é “um itinerário de vida, um processo progressivo feito de desapegos e de inversão dos centros de interesse para melhor amar, ou seja, amar conforme *as dimensões do Coração de Jesus Cristo*. É necessário contar com a graça de Deus, com o tempo e ser muito humilde” (Guia “Preparar-se para os votos. Um compromisso... uma exigência... um caminho a seguir”, p. 61).

⁶ Cf. Constituições das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, nº 29a.

⁷ Cf. Constituições, nº29b; Lumen Gentium, nº42, e PAPA FRANCISCO, “Discurso às Religiosas participantes na Assembleia Plenária da União Internacional das Superiores Gerais”, Roma, 08 de maio de 2013, em << https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130508_uisg.html >>.

⁸ *Gobillon*, ed. de 1676, Liv. 5, cap. 5, p. 286. Apud.: Constituições das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, p. 70.

⁹ 3-São Vicente de Paulo, Conf. de 19 de julho de 1640, Sobre a vocação de Filha da Caridade, IX, p. 13.

“Como as renúncias, que tocam o íntimo, podem ser libertadoras? Como podemos assumir o vazio causado pela ausência da maternidade, como sendo o lugar de outra fecundidade? Comprometer-se neste caminho é ser levada a fazer passagens, entre outras, do medo à confiança. É bom nos perguntarmos quais são os medos que podem nos habitar. Medo de ficar sozinha? Por quê? Medo de ser livre? Por quê? Medo do futuro? Por quê?” (Irmã Françoise Petit, sup. geral, “Carta de 2 de fevereiro de 2023”, p.3).

O VOTO DE POBREZA

O conselho evangélico da pobreza é assumido no seguimento de Cristo Servo da humanidade empobrecida. A Exortação Apostólica Vita *Consecrata*, nº 21, coloca o Cristo no centro da vivência da pobreza:

“A pobreza confessa que Deus é a única verdadeira riqueza do homem. Vivida segundo o exemplo de Cristo, que ‘sendo rico, se fez pobre’ (2Cor 8, 9), torna-se expressão *do dom total de Si* que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem. É dom que transborda para a criação e se manifesta plenamente na Encarnação do Verbo e na sua morte redentora”.

O conselho evangélico da pobreza procede da fonte do amor divino e para ele conduz. Nasce do desejo de conformar a própria vida com o Cristo e lança a um dom de si mais completo aos irmãos, como o Cristo que se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza. Ele assumiu a condição de servo e no seu despojamento radical – *kénose* – fez-se dom total para nós e nos possibilitou acolher a riqueza incomensurável da vida divina. De modo análogo, a pessoa consagrada deve procurar a identificação com os mais pobres e excluídos, para transmitir-lhes as riquezas do Cristo, e discernir e fomentar as *semina verbi* já presentes ali, fruto da ação do Espírito que sempre nos precede.

A pobreza evangélica provém da vida concreta de Jesus. O Mistério da Natividade de Jesus é um convite a “‘sentir’, a ‘tocar’ a pobreza que escolheu, para Si mesmo, o Filho de Deus na sua encarnação, tornando-se assim, implicitamente, um apelo para O seguirmos pelo caminho da humildade, da pobreza, do despojamento, que parte da manjedoura de Belém e leva até a Cruz, e um apelo ainda a encontrá-Lo e servi-Lo, com misericórdia, nos irmãos e irmãs mais necessitados (cf. Mt 25, 31-46)”¹⁰.

¹⁰ Papa FRANCISCO, Carta Apostólica Admirabile Signum sobre o significado e valor do presépio, nº3, (1/12/2019), em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201-admirabile-signum.html>.

Ele fazia parte da classe humilde; nunca procurou sair dela ou disfarçá-la. Para Jesus, a riqueza podia ser um grande obstáculo para o ser humano entrar no Reino do Céu. Uma característica marcante da vida pública de Jesus é a sua não aceitação de nenhuma compensação. São Vicente de Paulo vê na vida de Jesus o fundamento do conselho evangélico de pobreza:

“Jesus Cristo tendo tudo, não tinha nada. Era dono e Senhor do mundo inteiro, era autor dos bens que nele existem. Quis, todavia, por amor a nós, privar-se do seu uso. Embora fosse o Senhor do mundo todo, fez-se o mais pobre de todos os homens! Ele possuiu até mesmo menos que os mais pequenos animais! ‘As raposas têm suas tocas e as aves do céu, os seus ninhos; o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça’”¹¹.

Há, sobretudo, a narrativa do encontro do jovem rico com Jesus que fundamenta o conselho evangélico da pobreza (cf. Mc 10, 17s; par.). Jesus propõe como condição para segui-lo a total renúncia às riquezas, a exemplo dele e seus discípulos que renunciaram a um lar e a ganhos.

Após a morte de Jesus, os apóstolos fizeram-se egrégios modelos dessa pobreza evangélica. Ao chamado do Senhor, imediatamente abandonaram tudo o que tinham, de pescadores de peixes passaram a pescadores de gente, e inspiraram muitos a seguirem o mesmo caminho. Segundo os Atos dos Apóstolos (4, 32), por exemplo, os primeiros que seguiam o Caminho tinham uma só alma e um só coração; partilhavam seus bens e posses para abraçar a pobreza e se enriquecerem dos bens divinos; atentos à pregação apostólica aprendiam a encontrar alegria em não ter neste mundo e tudo possuir em Cristo (cf. At3, 6). O Espírito Santo que conduziu os primeiros fiéis, conduz também, hoje, a pessoa consagrada a uma renúncia verdadeira de modo a não haver limite na vivência da partilha e da generosidade.

A pobreza consagrada deve “ser vivida laboriosamente” (cf. cân. 600), de modo que a pessoa consagrada possa trabalhar cotidianamente, mas para enriquecer seus irmãos e irmãs mais necessitados. Outra palavra usada para designar o modo como deve ser concretizada a pobreza é “sobriedade”. Esta palavra aparece também nas Constituições: “As Irmãs optam por um estilo de vida sóbrio e simples” (30b, segundo parágrafo). A pessoa consagrada deve mostrar, com atitudes concretas, que muitas coisas que parecem ser necessárias se tornam artificiais, vivendo assim uma liberdade profunda no seio de uma sociedade de consumo frenético, pois coisas, objetos e posses não preenchem o vazio existencial do ser humano, expressão, talvez, do desejo de algo nobre e transcendente.

¹¹ 130- SVP, Conf. sobre a pobreza, 6 de agosto de 1655, p. 230. Cf. Mt8, 20.

A pessoa consagrada, pelo voto de pobreza, deve levar uma vida “alheia às riquezas terrenas” (cf. cân. 600), uma vida “oposta ao espírito do mundo, espírito de propriedade e de comodismo”¹², como o Senhor, os apóstolos, os santos e santas, e tantas testemunhas presentes, hoje, entre nós. Isso mostra que o labor e a sobriedade de vida da pessoa consagrada não têm como fim a acumulação de bens e posses, o que seria um contratestemunho. As Constituições expressam o modo de proceder das Irmãs, conforme o voto de pobreza: “Em espírito evangélico de desprendimento, as Irmãs não agem como proprietárias e ‘evitam qualquer luxo, qualquer lucro imoderado ou acúmulo de bens’, assim como ‘todo supérfluo’”¹³.

O voto de pobreza “implica dependência e limitação no uso e na disposição dos bens, de acordo com o direito próprio de cada instituto” (cf. cân. 600). O grau de dependência e limitação varia segundo cada Congregação, e é regulado pelo direito próprio de cada uma que deve também oferecer algumas normas mais detalhadas para seus membros quanto à vivência da pobreza individual e comunitária. Pelo voto de pobreza, as Irmãs “comprometem-se à total dependência para usar e dispor dos bens da Companhia assim como no uso de seus bens pessoais”¹⁴.

No que se refere ainda à pobreza, as Constituições das Filhas da Caridade trazem juntas a “corresponsabilidade” e a “dependência”: todas as Irmãs “são corresponsáveis na administração e utilização destes bens, sob a dependência dos Superiores e de acordo com o espírito da Companhia”¹⁵.

A “dependência” refere-se também à necessidade de obter o consentimento dos superiores(as) e prestar-lhes contas, conforme as normas do direito próprio. A “dependência” da pessoa consagrada referente ao superior(a)/Irmã Servente/Visitadora é uma forma visível de vivenciar a pobreza. Além disso, a finalidade da necessidade de permissão (licença), além de ajudar a Irmã Servente/Superiora na animação e na harmonia da vida comunitária, é de oferecer a cada pessoa consagrada uma ocasião para o discernimento acerca de seu modo de viver a pobreza pessoal e comunitária. As necessidades dos pobres, os compromissos comunitários e pessoais, a responsabilidade pastoral, a Tradição Vicentina e orientações da Igreja norteiam o processo de tomada de decisões em questões de pobreza. A “limitação” traduz a renúncia voluntária por parte da pessoa consagrada, como expressão da pobreza, a certos direitos ou atos: por exemplo, o direito de adquirir novos bens, etc..

¹² 130 - SVP, Conf. sobre a pobreza, 6 de agosto de 1655, p. 232.

¹³ Nº 88b.

¹⁴ Constituições das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, nº 30a.

¹⁵ Nº 30c.

Lembremos que o primeiro significado da pobreza evangélica é testemunhar Deus como verdadeira riqueza do coração humano (cf. VC, nº 90), e para nós, na lógica do carisma vicentino, testemunhá-Lo numa comunidade de serviço e de solidariedade com nossos irmãos e irmãs mais empobrecidos e sofredores – “Somente a prática pessoal e comunitária desta pobreza [evangélica] dará um testemunho autêntico” (C. 30b). Assim, a pobreza evangélica é, concomitantemente, um serviço em favor dos mais necessitados e marginalizados; e possui valor em si mesma, pois é necessária para viver a primeira das bem-aventuras no seguimento radical de Cristo (cf. Mt 5, 3), conforme orientam as Constituições: “Esta pobreza encontra sua plenitude na pobreza de coração. Felizes os corações pobres porque possuem o Reino dos Céus. Por isso [as Filhas da Caridade] aceitam na paz as contradições, os fracassos, as limitações pessoais e as dos outros. A pobreza do coração, abertura ao Espírito, dispõe a alma ao amor universal e impele as Filhas da Caridade a colocar a serviço de seus irmãos e irmãs, sua pessoa, talentos, tempo, trabalho, bem como os bens materiais que consideram como patrimônio dos pobres” (30a).

A consagração vicentina pelo voto de pobreza é para seguir Jesus Cristo Servidor dos pobres e é inspirada pela missão e para ela orientada.

Virgem Maria, “serva humilde e fiel dos desígnios do Pai, modelo dos corações pobres” (C. 15b), rogai por nós.

Para refletir:

1/ Vita Consecrata: “A pobreza confessa que Deus é a única riqueza do ser humano. Vivida segundo o exemplo de Cristo, que ‘sendo rico’, se fez pobre’ (2Cor8, 9), torna-se expressão do dom total de Si que as três Pessoas divinas reciprocamente se fazem” (nº21).

2/ Código de direito canônico: “O Conselho evangélico da pobreza, à imitação de Cristo, que sendo rico se fez pobre por nós, além de uma vida pobre na realidade e no espírito, a ser vivida laboriosamente na sobriedade e alheia às riquezas terrenas, implica a dependência e a limitação no uso e na disposição dos bens, de acordo com o direito próprio de cada instituto” (cân. 600).

3/ Guia “Preparar-se para os votos”: “Uma Filha da Caridade deseja pouco a pouco desapegar-se dos bens materiais, ter uma maior preocupação com o bem comum, utilizar com discernimento os meios de comunicação, participar da elaboração do orçamento comunitário e ter um estilo de vida realmente simples” (2021, p. 86).

4/ Instrução sobre os votos: A Virgem Maria, profundamente ligada aos Mistérios da vida de Jesus, é aquela que proclama de modo profético e escatológico a Vinda do Reinado de Deus, pois a Boa Nova é anunciada aos pobres. A Filha da Caridade é convidada “a unir a sua *ação de graças* à de Maria para celebrar o Senhor, Fonte de todo o Dom, e o Deus cuja ternura Se manifesta em favor dos pobres, dos pequenos e dos humildes” (p. 81).

Que desafios encontramos hoje quanto à compreensão e vivência da pobreza evangélica no seguimento de Jesus?

“Quais compromissos pessoais e comunitários são necessários para estar próxima dos pobres, cuidar da criação e das relações?

A dependência é um aspecto incontornável do voto de pobreza. Qual é a relação entre esta exigência e o espírito de pobreza?” (Guia “Preparar-se para os votos”, 2021, p. 87).

O VOTO DE OBEDIÊNCIA

A palavra *obediência* vem do latim *obedire*, que deriva do verbo *obaudire* e significa *ouvir, atender atentamente à palavra do outro, aceitando-a e executando-a*. Portanto, obedecer implica ouvir atentamente, compreender pelo intelecto/razão/diálogo e aceitação voluntária, e colocar em prática o que é pedido.

A obediência na vida consagrada tem sua origem no exemplo de Jesus Cristo, que se esvaziou, assumindo a condição de Servo, fazendo-se obediente até a morte sobre a cruz (cf. Fl2, 6-8). A obediência de Cristo e de seus seguidores consiste em renunciar à própria vontade para fazer a vontade de Deus Pai. No Getsêmani, Jesus disse: “Pai, afasta de mim esse cálice, mas contanto que se faça a tua vontade e não a minha” (Mc14, 36 par.). Na oração do Pai-nosso, Jesus nos ensinou a orar: “Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6, 10).

A melhor amostra viva e operante da obediência consagrada é a vivência do mandamento do amor: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei, e nisto conhecerão que sois meus discípulos” (Jo 15, 12). A obediência acolhida segundo o exemplo de Cristo gera harmonia e equilíbrio dentro da Comunidade e amor mútuo, suporte da vida fraterna em comum e grande disponibilidade missionária, conforme a finalidade da Companhia.

O exercício da obediência está associado ao exercício da autoridade que culmina no serviço aos irmãos na caridade fraterna e possibilita uma vida comunitária saudável.

O decreto *Perfectae Caritatis*, nº 14, ordena que os superiores(as), dóceis à vontade de Deus, em espírito de serviço, exerçam a autoridade em favor dos irmãos de forma a exprimir a caridade pela qual Deus os ama. Neste mesmo nº 14, sublinha-se que o voto de obediência só tem sentido em espírito de fé e de amor.

A fé aponta para o abaixamento de Jesus, obediente até a morte (cf. Fl2, 8) para exercer a caridade mais sublime em favor da humanidade; por sua vez, o amor nos faz assumir livremente a mesma atitude, identificando-nos com o Senhor, abaixando-nos para escutar e servir os necessitados, irmãos e irmãs do Cristo e nossos. A obediência na fé e no amor é assumida no seguimento de Cristo Servo dos mais abandonados, a exemplo de S. Vicente e de S. Luísa que desceram nas profundezas das misérias da humanidade a fim de ajudá-la a reencontrar uma vida mais digna.

Na Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, nº 21, a obediência, praticada no seguimento de Cristo, cujo alimento era fazer a vontade do Pai (cf. Jo4, 34), traduz a graça libertadora de uma dependência filial e não servil, cheia de sentido de (co) responsabilidade e animada pela confiança recíproca, reflexo, na nossa realidade, da amorosa comunhão das três Pessoas divinas.

A centralidade da missão de Cristo foi obedecer a vontade do Pai. Por isso, essa mesma vontade é a finalidade de toda obediência consagrada. O Espírito Santo agiu em Jesus, fazendo dele Filho totalmente obediente ao Pai, ao seu plano salvífico. Do mesmo modo, é o Espírito Santo do Pai e de Jesus Ressuscitado que nos torna filhos(as) da obediência (cf. 1Pd 1, 14); o Espírito nos move à obediência filial e vai nos configurando a Jesus de modo que penetremos no mistério de sua vida e adotemos sua missão, assumamos as exigências do Reino e nos entreguemos ao Serviço dos pobres por causa do Senhor. Mas, em Cristo, essa obediência passou pelas mediações humanas. Ele obedeceu verdadeiramente a José e a Maria, a quem estava confiado (cf. Lc2, 51). Daí não existir uma obediência abstrata, mas aquela que comporta mediações humanas.

O aspecto da renúncia no voto de obediência é mais destacado do que nos outros votos, conforme indica o decreto *Perfectae Caritatis*, nº 14: “Pela profissão da obediência, oferecem os religiosos a Deus a inteira dedicação da própria vontade como sacrifício de si próprios”. Nesta linha, a obediência, para nós, se dá na

entrega de si mesmo(a) nas mãos de Deus em total disponibilidade para o serviço dos pobres (cf. C.31a), muitas vezes passando por grandes sacrifícios, sobretudo quando olhamos a quantidade de mártires da Família Vicentina – e os incontáveis da Igreja – que foram obedientes ao Senhor até à morte por causa da fé.

O conteúdo do conselho evangélico da obediência na VC, conforme propõe a Igreja, é muito exigente, e com limites bem precisos. O conselho obriga “a submissão da vontade aos legítimos superiores” (cân. 601). A obediência consagrada não é mera execução externa de um envio, mandato, mas requer também a livre aceitação do envio, do mandato, que se torna, assim, vontade própria de quem obedece. Sem essa aceitação interna, a vida de obediência não nos torna mais livres para amar a Deus e doar-se à Sua missão. Por isso, devemos nos conhecer mais profundamente para melhor viver a obediência, pois quem possui resistências à figura da autoridade – o que pode vir desde a infância, adolescência, na família, na escola, ou de conflitos na vida religiosa, etc. – deve procurar meios para ir superando isto a fim de viver mais plenamente sua humanidade e melhor servir o Cristo nos irmãos e irmãs. Às vezes, a própria pessoa consagrada nem percebe que possui tal resistência, é como se diante da figura da autoridade, ela agisse no automático. Por isso, o autoconhecimento pode ser um meio valioso nesta caminhada.

A obediência consagrada requer a responsabilidade pessoal e ativa da pessoa consagrada na promoção do bem comum da Congregação; quanto aos superiores(as), são obrigados a conservar o respeito pela pessoa humana e incentivar a obediência na liberdade dos demais membros consagrados da comunidade (cf. cân. 618). Como o Espírito Santo de Deus, no Mistério Pascal de Cristo, foi derramado em todos e todas, a autoridade na Vida Consagrada, cujo serviço é buscar e pôr em prática a vontade de Deus, deve exercer-se no espírito de diálogo e de consulta, na escuta mútua e paciente. *Atualmente, isto é um desafio quanto à obediência: ser mútua, no diálogo, na escuta mútua e paciente, para converter cada pessoa consagrada e toda a Comunidade em instrumento da vontade amorosa de Deus.*

A autoridade das superiores(es) tem contornos bem claros. Essa autoridade é autêntica “quando [os superiores] ordenam de acordo com as próprias constituições”. A razão para tal é bastante óbvia: as Constituições foram aprovadas pela competente autoridade da Igreja (bispos ou Santa Sé), que provém da autoridade de Cristo à qual foi prometida a assistência do Espírito Santo. Os superiores(as) têm a função de promover o discernimento da vontade de Deus para se viver plenamente a vocação e missão vicentina, de animar todos os membros da

Comunidade para crescer na liberdade e na maturidade, de saber associá-los, pelo diálogo, ao processo de tomada de decisões, e aos superiores(as) cabe “a última palavra”, bem como “fazer respeitar as decisões tomadas”¹⁶.

A obediência consagrada é um “sim” responsável ao plano de Deus que confiou, através de S. Vicente e S. Luísa, uma missão especial a esta Comunidade. Desse modo, a obediência está ligada à missão e ao serviço a ser realizado aqui e agora sob a coordenação das Irmãs “superioras”/serventes, conforme as Constituições. A fidelidade criativa à vontade libertadora de Deus, a perseverança na alegria da vocação, torna secundário qualquer outro motivo ou projeto diante da evangelização e do serviço em favor dos pobres e com os pobres.

A obediência de Jesus Cristo foi, primordialmente e acima de tudo, obediência a Deus Pai. Do mesmo modo, a pessoa consagrada é convocada a procurar, em primeiro lugar e acima de tudo, a vontade concreta de Deus. As Constituições da Congregação são um meio para salvaguardar uma vocação (cf. cân. 587, 1), por isso mesmo aquilo que é exigido na obediência não pode entrar em conflito com a vontade de Deus, proposta para nós a partir das Constituições.

Quando Deus bateu à porta do coração imaculado da jovem Maria, e ao anúncio do anjo Lhe pedia para Se tornar a mãe de Deus, Maria responde com obediência plena e total. A sua resposta – “eis a serva do Senhor, faça-se em Mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38) – é, para todos nós, o testemunho do modo como abandonar-se, na fé, à vontade de Deus. Graças ao seu “sim”, Maria tornava-Se mãe do Filho de Deus, e nela, “vemos a Mãe de Deus que não guarda o seu Filho só para Si mesma, mas pede a todos que obedeçam à palavra d’Ele e a ponham em prática (cf. Jo 2, 5)”¹⁷. Maria, mulher de fé, ensina-nos a viver segundo a Palavra, a acolher a vontade do Senhor, manifestada nos acontecimentos da vida e através das mediações. Maria, discípula sempre fiel do Senhor, que caminha junto com a gente, ajuda-nos a ‘caminhar juntos’ para seguir o Senhor Jesus e torna-nos servos(as) da vida nesse tempo ferido¹⁸. E São José, homem justo que era, sempre buscou discernir e se entregar à vontade de Deus e a colocar em prática, que ele, nos ajude a buscar e a discernir com atenção a vontade de Deus ao longo de nossa caminhada.

Deus Pai que vos dignastes, na Festa de Pentecostes de 1623, iluminar totalmente o coração de Santa Luísa de Marillac, com a luz do vosso Espírito Santo, revelando-lhe os desígnios insondáveis de vossa paternal Providência, fazendo dela Fundadora juntamente com São Vicente de Paulo, e servidora dos Pobres, nós vos

¹⁶ *Vita Consecrata*, n.º43.

¹⁷ Papa FRANCISCO, Carta Apostólica *Admirabile Signum* sobre o significado e valor do presépio, n.º7, (1/12/2019), em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html>.

¹⁸ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, n.º 121.

pedimos, renovar neste ano de 2023, pelo mesmo Espírito, o ardor missionário da Companhia e em cada Irmã na missão de servir Cristo nos pobres. São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, acompanhai-nos e rogai ao Senhor por nós.

Desejo a todas e a cada uma, queridas Irmãs, uma feliz e abençoada renovação anual dos votos, neste ano da graça do Senhor. Minha oração.

Para refletir:

1/ A palavra *obediência* vem do latim *obedire*, que deriva do verbo *obaudire* e significa *ouvir, atender atentamente à palavra do outro, aceitando-a e executando-a*. Portanto, obedecer implica ouvir atentamente, compreender pelo intelecto/razão/diálogo e aceitação voluntária, e colocar em prática o que é pedido.

2/ Código de direito canônico: “O Conselho evangélico da obediência, assumido com espírito de fé e amor no seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga a submissão da vontade aos legítimos superiores, que fazem as vezes de Deus quando ordenam de acordo com as próprias constituições” (cân. 601).

3/ Instrução O serviço da autoridade e a obediência: “A obediência a Deus é caminho de crescimento e, por isso mesmo, de liberdade da pessoa, uma vez que permite acolher um projeto ou uma vontade diferente da própria que não só não mortifica ou diminui, mas que funda os alicerces da dignidade humana. Ao mesmo tempo, a liberdade é, em si, um caminho de obediência, pois é obedecendo como filho ao plano do Pai que a pessoa que crê realiza o seu ser livre” (nº5).

4/ “A obediência missionária é a disponibilidade para a missão onde cada uma está pronta para partir quando um chamado é feito, tanto no âmbito da Província como da Companhia” (Irmã Françoise Petit, sup. geral, “Carta de 2 de fevereiro de 2021).

“A obediência é um caminho de crescimento pessoal para uma maior liberdade, mas também é um meio de juntas construir a Companhia na comunhão e na unidade. Como a obediência ajuda a crescer em liberdade e humanidade? Como viver a corresponsabilidade e a obediência na vida comunitária? Como busco no dia a dia a vontade de Deus?” (Guia “Preparar-se para os votos...”, p.95 e 102).

Dia 12 de março de 2023, às 15h, Rio de Janeiro-RJ. Na Casa Provincial das Filhas da Caridade.

Dia 21 de março de 2023, às 14h30, São Paulo-SP. No Colégio Vicentino de Cegos Pe. Chico.

LUZ DE PENTECOSTES – 400 ANOS

Ir. Carolina Mureb, fc
Ir. Raquel de Fátima Colet, fc



“No ano de 1623, no dia de Santa Mônica, Deus concedeu-me a graça de fazer o voto de viuvez, se Ele chamasse a Si o meu marido. Em seguida, no dia da Ascensão, caí num grande abatimento de espírito por causa da dúvida se deveria deixar meu marido, como o desejava insistentemente, a fim de reparar meu primeiro voto e de ter mais liberdade para servir a Deus e ao próximo. Duvidada também se o apego que eu tinha a meu Diretor, ausente por muito tempo, não me impediria de tomar outro e temia estar a isso obrigada. E sofria muito também, com a dúvida da imortalidade da alma, o que me fez ficar, da Ascensão até Pentecostes, numa aflição incrível. No dia de Pentecostes, participando da Santa Missa ou

fazendo oração na igreja, de repente, fui esclarecida de minhas dúvidas e avisada de que deveria permanecer com meu marido, e tempo viria em que estaria em condições de fazer voto de pobreza, de castidade e obediência, numa pequena comunidade com pessoas que fariam o mesmo. Entendi, então, que isso seria num lugar dedicado a servir ao próximo; não podia, porém, compreender de que jeito se faria isso, porque, haveria idas e vindas. Fui assegurada também, de que deveria permanecer em paz quanto a meu Diretor; Deus me daria outro que, me fez ver, segundo me parece e senti repugnância em aceitá-lo. Entretanto, consenti, afigurando-se-me que ainda não era hora de fazer-se essa mudança. Minha terceira pena foi-me tirada pela certeza que senti em meu espírito de que era Deus quem me ensinava tudo o que foi dito acima e, se Deus existia, não poderia duvidar do resto. Sempre acreditei ter recebido essa graça pelo Bem-aventurado Bispo de Genebra, por haver desejado muito, antes de sua morte, comunicar-lhe minha aflição e depois, haver sentido grande devoção e recebido, por seu intermédio, muitos favores. Naquela ocasião, sei ter havido algum motivo para crê-lo assim, do que agora não me lembro”.

(Luísa de Marillac – Escrito 3)

INTRODUÇÃO

Para quem se dispõe a conhecer um pouco mais a vida e obra de Santa Luísa de Marillac, a Luz de Pentecostes – também conhecida pela palavra francesa *Lumière* (luz) - é, obrigatoriamente, uma experiência a ser revisitada. Trata-se, contudo, de um evento da envergadura da profundidade e complexidade que foi a existência de Luísa. Por isso, para o compreendermos de maneira apropriada, é oportuno olharmos para um conjunto de situações contextuais de perfil objetivo e subjetivo que levaram até ele e que dele decorrem. Como momento kairológico, a Luz é para Luísa e, para nós hoje, ponto de chegada e de partida, tempo propício para discernimentos e (re)afirmação de propósitos para o que, como ela mesma sinaliza, Deus educa sua interioridade.

Desse movimento interior e espiritual emanou um dinamismo missionário que se dilatou, ao longo dos anos, em experiências fecundas e novidadeiras que plasmaram o que hoje conhecemos como Carisma Vicentino – ou, para sermos, mais justos, Carisma VicentinoMarillacano. É esse mesmo carisma que hoje confere vitalidade e relevância à nossa missão educativa, fundada sob o legado espiritual e apostólico dos Fundadores.

Portanto, a reflexão sobre a Luz de Pentecostes é uma via para ampliar o conhecimento sobre nossas origens carismáticas e, ao mesmo tempo, um convite para a percepção das “idas e vindas” que o Espírito de Abbá continua a suscitar nos caminhos do mundo de hoje pelo caminhar daqueles e daquelas que, inspirados/as em Luísa de Marillac, também se deixam ensinar por Deus.

CONTEXTO

Luísa de Marillac se casou com Antonio Le Gras em 1613 e seu filho Miguel nasceu prematuro neste mesmo ano. Durante oito anos, Luísa construiu a família que não teve, aprendeu a amar seu marido e foi feliz no casamento que ela não escolheu. Seu filho foi uma das grandes alegrias da sua vida. Entretanto, é preciso lembrar que ela é uma mulher jovem e ferida por não ter conhecido a mãe, pela morte do pai quando era adolescente, pela rejeição da família e da sociedade, pela rejeição do seu pedido para ser religiosa e, no fundo, o medo do juízo de Deus por sentir que sua existência era fruto de um pecado.

Em sua vida, Luísa de Marillac precisou descobrir, pouco a pouco, a misericórdia divina que transfigurou sua existência curando feridas, abrindo-a ainda mais aos outros, dilatando sua capacidade de amar e aprofundando sua confiança e

esperança no Deus que lhe confiou o projeto das “idas e vindas” – uma constante peregrinação em direção aos mais pobres.

Em 1621, Luísa está casada há oito anos e tem um filho pequeno. Seu marido, após alguns anos cuidando dos bens dos sete filhos de Valence d’Attichy (tia de Luísa), adoece gravemente. Em dois registros da sua oração, do período inicial da doença de Antonio Le Gras, é perceptível o estado de sua alma.

Pelo ano de 1621: “Durante todo o dia de São Tomé, um grande abatimento de espírito pelos sentimentos de minha própria abjeção, que me fazem aparecer como um poço de orgulho e fonte de amor próprio; sentimentos de desamparo, aniquilamento de mim mesma, abandono de Deus merecido por minhas infidelidades, com uma opressão de coração, tão grande, que nos momentos mais violentos, fazia-me sofrer até no corpo.” (SL E.1).

1622: “E, na terça-feira seguinte, dia da conversão de São Paulo, considerando na minha meditação, que Jesus destruíra inteiramente os impedimentos e suas operações divinas para a execução de seus desígnios, tanto neste Santo como em todos os gentios, de repente, senti meu espírito atormentado por grandes e mui vivas penas, que quase me impossibilitam de me confessar e estas penas chegaram a tal ponto que, se tivesse revelado e feito o que me impeliavam a fazer, creio que...” (SL E.2)

Em Luísa há um desejo enorme de cumprir a vontade de Deus, de unir-se a ele; sua “avidez espiritual”, necessidade de segurança e certo exagero são algumas das marcas de sua personalidade com as quais terá que lidar ao longo da vida. Além disso, após tantos abandonos, maus-tratos e frustrações, ela desenvolveu visível depreciação de si mesma, angústia e convicção de estar sendo castigada por Deus por motivos razoáveis. Tudo isso repercutiu em seu corpo, gerando dores físicas. A vida depositou o medo no espírito e no corpo de Luísa de Marillac: medo do futuro, do desconhecido. Ela nunca teve estabilidade – a cada sonho, a cada “ganho”, um fracasso, um desamparo.

De 1621 a 1623, Luísa passou pela fase mais intensa de sua purificação. De 1621-1629, apesar da “Luz” em 1623, ela viveu o duro conflito entre crer na misericórdia de Deus e sentir-se objeto de sua justiça. Seus sofrimentos eram vistos como justiça divina em virtude de seus pecados. A convicção de que merecia ser castigada por eles e por sua história de vida fez Luísa de Marillac adoecer. A misericórdia parecia ser somente uma ideia, um conceito e não experiência.

EVENTO

A Luz é o nome dado pela própria Luísa de Marillac à experiência mística que aconteceu no domingo de Pentecostes, 4 de junho de 1623. O pequeno papel com o texto escrito por Luísa é conservado no Arquivo da Congregação da Missão, em Paris.

Seu marido está muito mal de saúde a ponto de Luísa fazer um voto de não se casar novamente, caso ele viesse a falecer. Ela relata que, na solenidade da Ascensão do Senhor, caiu num grande abatimento por conta de 3 dúvidas:

1. Como ela havia feito voto de se consagrar a Deus e não cumpriu (lembramos que foi rejeitada pelo Padre Provincial das Capuchinhas anos antes), acreditava que Deus a punia por intermédio da doença do seu marido. A conclusão “lógica” era que se deixasse o marido e fosse para um convento tudo se resolveria, e ela poderia servir a Deus e ao próximo.

2. Seu diretor espiritual, Pedro Camus, tinha sido nomeado bispo de Belley, distante de Paris. Luísa reconhecia sentir um grande apego e se questionava se deveria escolher outro diretor que estivesse mais próximo.

3. Começou a duvidar da imortalidade da alma.

As três dúvidas podem parecer bobagem para nós, em pleno século XXI, no entanto, para uma mulher do século XVII que viveu as dores, abandonos e inseguranças de Luísa, tudo isso que sentia e pensava era motivo suficiente para adoecer. É muito provável que ela estivesse numa depressão aguda e na noite escura da alma que, na espiritualidade, significa desolação profunda, como se Deus não se fizesse mais presente.

Em seu registro, Luísa diz que não se lembra se estava na missa ou rezando na Igreja quando sentiu a profunda consolação de Deus que a esclareceu de suas dúvidas.

1. Deveria permanecer com seu marido porque viria o dia em se consagraria numa pequena comunidade com outras pessoas que fariam também os votos de castidade, pobreza e obediência. Isso aconteceria num lugar onde se serviria próximo porque haveria “idas e vindas”. Evidentemente, ela só entendeu o que se referia ao marido, uma vez que desde o Concílio de Trento estava proibido que congregações femininas tivessem vida ativa, isto é, deveriam permanecer somente dentro dos conventos. Atendiam os pobres e doentes e davam aulas, mas todos deveriam ir até os conventos.

2. Foi-lhe garantido que Deus mesmo lhe daria outro diretor e, por isso, poderia ficar em paz e não fazer nenhuma mudança naquele momento. Afirma que sentiu repugnância em aceitar isso. Ela e Vicente de Paulo só irão se encontrar em 1624.

3. Ela sentiu certeza absoluta de que era Deus quem a esclarecia, portanto, se Ele existia não poderia duvidar da imortalidade da alma.

Ela conclui dizendo que acreditava ter recebido essa graça por meio da intercessão do antigo bispo de Genebra, São Francisco de Sales, que ela conheceu durante sua estadia de um ano em Paris. Luísa aproveitou muito de suas conversas com São Francisco de Sales, leu seus livros e assumiu o regulamento de vida proposto em uma de suas obras (Introdução à Vida Devota) e que está no Escrito 4, do livro “Correspondência e Escritos de Luísa de Marillac”.

A graça da paz, fruto do amor misericordioso, é consequência inevitável no coração daquele que, ciente de sua miséria e não tendo a quem recorrer, se abandona nos braços do Senhor. Consolada, porque se sentiu acolhida e esclarecida por Deus, Luísa é capaz ampliar sua capacidade de amar sendo ainda mais paciente, generosa e misericordiosa no acompanhamento ao marido. Ofereceu-lhe sua atenção, seus cuidados, mas também compartilhou sua fé, que certamente ajudou Antonio Le Gras a aproveitar tão bem de sua doença para aproximar-se mais do Senhor. Luísa cuidou de Antonio durante mais dois anos e meio. Antonio faleceu em 21 de dezembro de 1625 e, em duas cartas ao Padre Hilarion Rebours, primo de seu esposo, Luísa conta que ele faleceu em paz e em comunhão com Deus. Neste momento, tanto a segunda quanto a terceira dúvida já tinham sido sanadas. A consagração a Deus numa comunidade aconteceria dez anos depois, em 1633. Era preciso avançar um pouco mais na peregrinação na fé.

LEGADO

A revisita à Luz de Pentecostes como acontecimento singular da vida de Santa Luísa nos possibilita uma releitura de nossa vida e missão. Entre as muitas reflexões possíveis, indicamos dois movimentos como convites dirigidos a nós, em estreita sintonia com nossa prática educativa:

1. *A atitude contemplativa da presença amorosa de Deus na vida de Luísa, e sua abertura para a ação transformadora da graça divina.*

Não obstante as ausências e inconstâncias das expressões de amor e cuidado em sua história pessoal, Luísa deixa-se amar pelo Senhor. Com os recursos humanos

e espirituais que lhe eram acessíveis e próprios de sua época, ela empreendeu um sincero trabalho interior de descoberta de si e da vontade de Deus. Como sua história comprova e ela mesma afirma, esse itinerário pessoal foi tecido sob as marcas e o encontro com a Cruz de Cristo no sofrimento.

Já poetizava Cora Coralina: “coração é terra que ninguém vê. Isso nos coloca diante da importância do respeito e empatia com as experiências pessoais que cada pessoa vive, e de nossa tarefa, como educadores/as, em oportunizar momentos e espaços voltados a uma educação da interioridade, tanto em relação à perspectiva socioemocional quanto à espiritualidade propriamente dita.

Como primeira tarefa, está o compromisso de cada educador/a em zelar por essa dimensão de sua formação permanente. Isso implica, por exemplo, amadurecermos visões limitadas que podemos carregar acerca do lugar e da ação de Deus em nossa vida e na vida do mundo. Ainda lidamos com percepções infantilizadas de um Deus que intervém de modo arbitrário nas situações do cotidiano, compreensão essa que, na maioria das vezes, é fruto de nossas projeções sobre o sagrado.

De outra parte, há o risco de, como Luísa sentiu nos primeiros anos, pensar que Deus atua como um alguém que nos vigia e castiga por nossos erros, e nos cobra por promessas não cumpridas. Certamente, um Deus legalista não é o Deus de Jesus Cristo revelado no Evangelho e experienciado por nossos Fundadores. Em tempos em que as narrativas religiosas são usurpadas para fins questionáveis, o discernimento é uma urgência pedagógica e mistagógica. O critério para discernir é muito pontual: a compaixão solidária com as pessoas, particularmente os pobres, e com o planeta. Onde impera o ódio, a intolerância, a avareza, a autorreferencialidade e o preconceito com os mais vulneráveis, Deus não habita! Essa convicção nos possibilita experienciar a paz interior que Luísa sentiu diante do esclarecimento de suas dúvidas de fé. Quando olhamos para os desencontros e cruces de nossa realidade e nos ocorre a pergunta sobre onde está Deus nisso tudo, a resposta mais lúcida dirá sempre: do lado dos pobres, dos fracos e enfraquecidos, em uma presença que não é teórica, ideológica ou assistencialista, mas radicalmente (no sentido de raiz) evangélica.

2. A atitude oblativa na vivência do amor a Deus que se comunica no amor às pessoas próximas, especialmente as mais empobrecidas e vulneráveis.

A Luz não se resume em um fato biográfico de relevo na vida de nossa Fundadora, mas em uma experiência da qual emana uma herança espiritual e missionária que repercute em nossas opções e práticas hoje. Isso representa a continuidade criativa que nossa missão imprime às intuições originárias de nosso carisma.

Recordemos que foi na colaboração aos projetos empreendidos por São Vicente junto aos pobres que Santa Luísa foi retomando e entendendo a fundo o significado de sua experiência espiritual. Da mesma forma, são nos encontros e reencontros de todos os dias que entendemos o significado das nossas “idas e vindas”, das novidades que também nós somos chamados e chamadas a gestar em um tempo que muda em uma velocidade assustadora.

É nessa temporalidade acelerada que consome nossas agendas e nossas rotinas que surge o desafio de construir experiências e relações significativas, que nos educam para o essencial do ser e do conviver. A escola é uma incubadora de sentidos e significados, e nossa contribuição educativa está justamente em favorecer que esses horizontes da existência, ao que damos o nome de projeto de vida, possam germinar, florescer, produzir e gerar novas sementes. A oblação é a generosidade do amor que tem propósito, tal como a metáfora do grão de trigo que se deita na terra porque sabe que despertará transformado (cf. Jo 12, 24-26).

O legado que recebemos de Luísa a partir da experiência da Luz de Pentecostes é a consciência de que, como ela, as perguntas movem a caminhada da vida e as respostas vão se colocando no percurso, nos acontecimentos notáveis, mas também nos detalhes que acompanham a paisagem. As “idas e vindas” nos recordam nossa alma de peregrinas e peregrinos - no idioma da educação, diríamos aprendentes - dimensão essencial que nos mantém nas andanças de nossa missão educativa, que é, por natureza, ambiência de muitas perguntas. Pela consciência do peregrinar, Deus continua nos (co)movendo para a bondade, a justiça e a verdade, atributos de Sua divindade fecundados em nossa humanidade.

A IGREJA

DEZ ANOS DEPOIS DAQUELE “BOA NOITE”: A AUTORIDADE DA IGREJA E A TRADIÇÃO QUE CAMINHA

Andrea Grillo,
professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo

A questão levantada por Francisco dez anos atrás em torno da identidade católica e seu dinamismo histórico e cultural, começou imediatamente com a sua aparição, na noite de 13 de março, da loggia de São Pedro, naquela figura e com aquelas palavras, que provocavam o olhar e a escuta a conceber, como em um “pressentimento conciliar”, o que poderia ser outro protótipo de papa.



Marciano Vidal expressou-o de improviso, da forma mais eficaz: o fato de aquelas palavras e aqueles gestos dos primeiros minutos de pontificado pudessem ser atribuído a um papa real (e não a um filme como *Habemus papam*) era o resultado de um “pressentimento” que nascera 60 anos antes, com a Concílio Vaticano II. O povo sabia “já antes” – pressentia – que um papa assim poderia existir. E agora estava ali à sua frente, de repente, com uma clareza e com uma força totalmente irresistíveis.

Algumas características do Concílio são condição para entender o novo papa e também para entender as reações confusas, que logo se manifestaram na Igreja, principalmente naqueles setores do catolicismo que durante 60 anos fizeram de tudo para esquecer o Vaticano II, para o anestesiar e remover.

O primeiro papa “sul-americano”, que não vem da Europa, que não tem a história europeia em sua bagagem nem sobre seus ombros, é o primeiro papa “filho do Vaticano II”. Não um pai, mas um filho. Efetivamente, um pai fica ansioso em relação ao seu filho, enquanto um filho vive com tranquilidade a herança paterna. Essa diferença entre Francisco e seus predecessores é a

diferença entre uma leitura paternalista do Vaticano II como filho e uma leitura filial do Concílio como pai.

Do ponto de vista teológico, isso significa algo fundamental: a recuperação da autoridade da Igreja Católica no recebimento, estruturação e relançamento da tradição. Cada época recebe a tradição anterior e a relança para além de si mesma: esse ato de recebimento e transmissão nunca é um ato mecânico, mas implica uma certa criatividade, ao mesmo tempo uma continuidade e uma descontinuidade. Os papas “pais do Concílio” (depois de João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e II, Bento XVI), precisamente por serem “pais”, elaboraram um complexo de culpa para com o Concílio: estavam ansiosos e preocupados com aquele filho que haviam contribuído a gerar. Assim, em um crescente de desconfiança, quase chegaram a uma espécie de “repúdio da paternidade”, chegando a equiparar o Concílio à experiência do pecado original (cf. o discurso de Bento XVI na noite de 11 de outubro de 2012).

Francisco é, ao contrário, um “filho do Concílio”: seu imaginário eclesial, teológico, espiritual, e pastoral vem diretamente dos textos conciliares. Pode-se ver isso na forma como ele celebra todas as manhãs em Santa Marta. Isso o torna “irresponsável para com o Concílio”, ao qual olha como um filho olha para o pai, sem ter que justificar sua existência, mas, aliás, sentindo-se justificado pela sua existência!

Isso liberou as energias de um novo relançamento da tradição, tirando a Igreja Católica do beco sem saída em que havia entrado no período pós-conciliar, muitas vezes reduzido a uma mera repetição do pré-concílio.

O maior mérito de Francisco, nesses primeiros 10 anos, foi ter desbloqueado aquele “dispositivo de bloqueio” que havia privado a Igreja de toda autoridade, para reafirmar todas as formas de autoridade pré-conciliar. Os temas da família, do sínodo, da descentralização, do primado das periferias, da pobreza, da saída da autorreferencialidade, dos modelos de atenção à criação e de rejeição da economia do descarte, são os “lugares” em que Francisco, com maior ou menor incidência, de alguma forma colocou em movimento as ações, os pensamentos e as representações. A “mudança de paradigma” da qual se fala na Introdução da *Veritatis gaudium* (e que infelizmente fica esquecida no corpus do documento) talvez seja o maior emblema dessa novidade. Também no plano ministerial, a superação da “reserva masculina” para os ministérios instituídos constitui um importante “precedente” para uma orientação mais séria do debate sobre o acesso das mulheres no ministério ordenado.

Finalmente, o mesmo deve ser dito da poderosa retomada da reforma litúrgica, como projeto de formação eclesial, que pode finalmente superar qualquer concessão àquele “paralelismo ritual” que havia se tornado o aspecto mais clamoroso e perigoso de uma resistência visceral à reforma litúrgica conciliar e a todo o Concílio Vaticano.

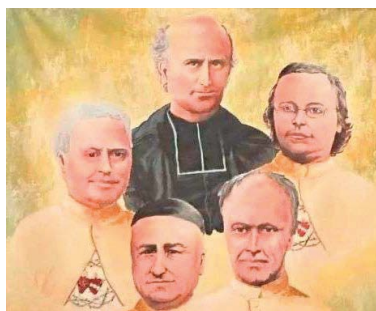
Ter restituído à tradição católica o seu aspecto dinâmico e ter superado um modelo oitocentista de visão católica da relação com o mundo é o maior mérito desta intensa década de pontificado.

Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/626909-dez-anos-depois-daquela-boa-noite-a-autoridade-da-igreja-e-a-tradicao-que-caminha-artigo-de-andrea-grillo>. Acesso em 18 mar 2023.

NOVO BEATO DA FAMÍLIA VICENTINA: PE. HENRI PLANCHAT

Cinco padres mortos por ódio à fé na comuna de Paris são beatificados

Walter Sánchez Silva / ACI Prensa



Cinco padres mártires mortos por ódio à fé na Comuna de Paris, em 1871, foram beatificados a 22/04/2023.

O padre Henri Planchat, do Instituto de São Vicente de Paulo, Ladislau Radigue, Polycarpe Tuffier, Marcellin Rouchouze e Frézal Tardieu, da Congregação dos Sagrados Corações de Jesus e Maria foram mortos em 26 de maio 1871. Em 6 de abril, quinta-feira santa, o padre Planchat foi preso. Quase uma semana depois, em 12 de abril, os outros padres foram presos.

A Comuna de Paris foi um regime de esquerda que governou Paris de 18 de março a 28 de maio de 1871 depois da derrota francesa na guerra Franco-Prussiana. Foi a primeira ditadura do proletariado da história, segundo alguns historiadores, e deixou vários milhares de mortos.

A Comuna de Paris tinha um marcado anticlericalismo e rapidamente viu a possibilidade de se financiar através da expropriação de propriedades da Igreja.

A “história de dor” dos cinco padres é uma “história de esperança”, disse o cardeal Marcello Semeraro, prefeito do Dicastério para as Causas dos Santos, na homilia durante a missa de beatificação que rezou na Igreja de São Sulpício, na capital francesa.

Em sua homilia na cerimônia de beatificação, o cardeal Semeraro citou uma homilia do papa Bento XVI, de 2008: “o bem vence e, se às vezes pode parecer derrotado pela opressão e pela astúcia, na realidade continua agindo em silêncio e discrição, dando frutos a longo prazo. É a renovação social cristã, baseada na transformação das consciências, na formação moral, na oração”.

O padre Henri Planchat morreu aos 47 anos. Dedicou o seu ministério à evangelização do mundo do trabalho e às crianças que se preparavam para a Primeira Comunhão.

O padre Frézal Tardieu morreu aos 56 anos. Destacou-se pela proximidade com as crianças e os mais pobres. Costumava dizer que era melhor falar com Deus do que sobre Ele, incentivando a oração diária.

O padre Polycarpe Tuffier morreu aos 64 anos. Segundo a arquidiocese de Paris, este padre soube conquistar o afeto dos seus companheiros de prisão. Quando morreu, era procurador da casa principal de sua congregação.

O padre Marcelino Rouchouze morreu aos 60 anos. Sendo religioso, ele se considerava indigno de ser padre. Em 1852 encontrou-se com são João Maria Vianney, que lhe disse: “Meu filho, você deve ser padre; o bom Deus tem planos para você.

O padre Ladislau Radigue morreu aos 48 anos. Ao ser preso e após uma vida de intenso serviço, dedicou-se a atender confissões dos demais presos no dia em que foi morto.

Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/cinco-padres-mortos-por-odio-a-fe-na-comuna-de-paris-sao-beatificados-78399>. Acesso em 27 abr 2023.

COM A PALAVRA, NOSSAS IRMÃS

SANTAS MISSÕES POPULARES VICENTINAS 2023

Ir. Sonia Maria Magalhães Costa, fc

É costume todos os anos acontecerem as Santas Missões Populares Vicentinas (SMPV), motivadas e orientadas pelos Padres e Irmãos da Congregação da Missão, nossos co-irmãos Lazaristas. Este ano de 2023, com a presença de diversos ramos da Família Vicentina (Congregação da Missão, Filhas da Caridade, Missionários Seculares Vicentinos, Sociedade de São Vicente de Paulo, Irmãos de Gysegem e Fráter da Misericórdia), as Missões aconteceram no período de 14 a 22 de janeiro de 2023 na cidade de Piracema em Minas Gerais, Paróquia Nossa Senhora das Necessidades. Tive a oportunidade de participar e foi realmente um tempo privilegiado da graça de Deus.



Com as Irmãs da Província de Belo Horizonte

Devido às fortes chuvas, o Pároco desta igreja local, Pe. Romualdo Leite, e a coordenação das SMPV decidiram que o tempo de duração e número de participantes seria menor que nas edições dos anos anteriores. A situação, porém, não diminuiu a qualidade do trabalho, a intensidade das

celebrações e a vida que esse tempo de graça costuma levar ao povo de Deus.

A Paróquia já tinha sido assistida com missões vicentinas, no ano de 2022, em diferentes momentos: Semana Santa, Semana Vocacional Missionária e formações diversas que prepararam os fiéis para esse tempo missionário.

As atividades das Missões de 2023 se deram nas diferentes Comunidades da Paróquia: Aguada, Barro Preto, B. Retiro, Cidade Nova, Colônia, J. Rodrigues, Laje, M. Verde, Matriz, Mosquito, Mundeus, P. de Baixo, P. de Cima, Paciência Pintos, Quilombo, Rosário, S. Exedito, Santo Antônio, São Judas, Sobrado, Sossego, Souza, Taquaral, Tatu e Valongo.

No dia 14 de janeiro (sábado), no final da missa de abertura das Missões, nós

missionários fomos apresentados às famílias que nos acolheriam e acompanhariam nas visitas. A missionária Rosemary, de Belo Horizonte, e eu fomos para a zona rural chamada Barro Preto e fomos acolhidas por duas famílias: da Laura e Roberto, Coordenadores da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, e pelo casal Sirlene e Geraldo da mesma Comunidade. Com muita disposição em ajudar, estas famílias foram missionárias conosco, uma vez que não mediram esforços para que cada casa daquela Comunidade fosse visitada por nós.

As missões consistiram essencialmente em visitas domiciliares, dirigidas a todos os moradores da Paróquia, com escuta, orações e bênçãos das residências ministrados pelos missionários leigos e/ou consagrados. Os Padres Lazaristas administraram os Sacramentos da Reconciliação e Unção dos enfermos, bem como as formações solicitadas em diferentes pastorais.

Muitas famílias nos receberam com uma grande alegria e, por vezes, com emoção, pois se sentiam honradas em receber um Padre ou uma Irmã em suas casas. E a generosidade? Em cada visita, sempre tinha o café e o tradicional biscoito de polvilho caseiro, este feito no fogão a lenha. Aliás, todas as casas que visitamos, tinham fogão a lenha.

Considero que fiz a experiência de São Vicente de Paulo quando este era Pároco da igreja de Clichy, comentando sobre o povo do campo: *Creio que o Papa não é tão feliz como o pároco no meio de um povo tão bom!* Sei que esta frase não caberia para o nosso atual Pontífice, o Papa Francisco pela sua postura e atuação. Mas, destaco esta frase de São Vicente pela semelhança do trato simples e respeitoso que pude apreciar e me encantar das pessoas da zona rural.

Nas visitas, partilhamos momentos de dor, perda de entes queridos e também alegrias. Nós missionários, tínhamos o compromisso de levar Deus por meio da partilha da Palavra e da bênção da casa, mas este mesmo Deus é que vinha até nós pela gratuidade e generosidade daquele povo que nos recebia tão bem em suas casas.

Apesar de ter participado das Missões em Sepetiba – RJ, enquanto estava no Seminário no ano de 2008, percebi que esta experiência



em Piracema foi diferente. Não só pela diferença no tempo de caminhada como Filha da Caridade, mas senti que estava fazendo um retiro espiritual na prática pois, me coloquei totalmente nas mãos de Deus, deixando Ele me conduzir, além de fazer uma revisão da minha vida, sobretudo na vivência do Espírito da Companhia: humildade, simplicidade e caridade e do chamado ao *Ephata* (abertura) *a sair para encontrar*.

Jesus dizia aos outros discípulos: *Não levem bolsa, nem sacola... Quando entrarem numa cidade e forem bem recebidos, comam o que servirem a vocês, curem os doentes que nela houver. E digam ao povo: o Reino de Deus está próximo de vocês!* (Lc 10, 4.8-9). Nestas Missões percebi que, em nossa missão cotidiana junto aos famintos de pão e de Deus, devemos também nos despojar de “nossos excessos” para acolher e levar a Boa-Nova de Jesus e Ele mesmo proverá todas as nossas necessidades. Isso é a confiança na Divina Providência que tanto São Vicente recomendava a nós e que nos permite vivenciar o *Ephata* a Deus e aos irmãos!

Agradeço ao Bom Deus, à Província do Rio de Janeiro, aos Padres Lazaristas Agnaldo, Juarez e Ezequiel, às Irmãs da Província de BH e a minha Comunidade local (Paraibuna-SP) por esta oportunidade de celebrar as Santas Missões Populares com tantos missionários da Família Vicentina, fazendo o que o Filho de Deus fez na Terra: anunciar o Reino aos humildes de coração e aos pobres!



NOTÍCIAS

5ª JORNADA PEDAGÓGICA DA REDE VICENTINA DE EDUCAÇÃO 2023

Ir. Maria da Penha Andreon, fc

A educação se desenvolve no coletivo. É no encontro que aprendemos e ensinamos, num ciclo de trocas que ampliam os repertórios e carregam as experiências de sentidos e significados. Nessa dinâmica, para iniciar o ano letivo com muita sintonia, as Escolas e Centros de Educação Infantil Vicentinos do Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo estiveram unidos pela 5ª Jornada Pedagógica da Rede Vicentina de Educação – 2023. Cada estado organizou a sua Jornada, mas todas as unidades assumiram uma programação comum proposta pela Rede Vicentina de Educação.

Abrindo a programação formativa da 5ª Jornada, Ir. Maria da Penha Andreon, representando a Comissão de Educação, apresentou o Projeto 13 Casas, que celebraremos em 2023. Também foram apresentadas algumas reflexões sobre a temática do III Ano Vocacional Missionário – Vocação: graça e missão – proposto pela Igreja para 2023.



A programação contemplou três palestras. Ir. Carolina Mureb apresentou o tema *Identidade Institucional e Espírito de Pertença: Missão de todos os Educadores*. Vinícius Freaza apresentou o tema *A Importância da análise de dados na Educação Básica* e Mauro Cardoso Simões

falou sobre o tema *Pessoas que queremos entregar ao mundo: perspectiva holística para a Educação Integral*.

No dia 24 de janeiro, os mais de 190 educadores vicentinos das unidades do Estado de São Paulo: Colégio Vicentino de Cegos Padre Chico (Ipiranga – São Paulo), Colégio Vicentino Virgem Potens (Guarulhos), Centro de Educação Infantil Vicentino



Casa da Criança Dom Antonio José dos Santos (Assis), Colégio Vicentino Santa Luísa de Marillac (Taubaté) e o Instituto Vicentino Santo Antônio (Paraibuna) foram acolhidos nas dependências do Colégio Vicentino Virgem Poderosa – Moinho Velho e traçaram juntos um percurso construído sobre as perspectivas da identidade institucional, da missão dos educadores vicentinos, da importância da análise de dados e da educação integral.

Muito mais do que o riquíssimo conteúdo abordado pelos palestrantes, foi possível resgatar a dinâmica da convivência e do encontro presencial. A partilha dos momentos de espiritualidade, o movimento e os sons das pessoas reunidas, as trocas de sorrisos, olhares e cumprimentos de pares dedicados à formação e à qualificação profissional e pessoal, fizeram valer a máxima “Educação Vicentina: para toda a vida”.

Entre os dias 26/01 a 31/01, foi a vez do Colégio Vicentino São José de Vila Velha/ES vivenciar a 5ª Jornada. Com olhar atento e reflexivo para a Formação Integral de seus professores, toda a programação foi planejada para atingir os diversos pilares do que acreditamos ser essencial para o nosso modo cuidadoso ser educador.

O primeiro dia de Jornada deu-se em comunhão com a ANEC-ES, com formações e momentos de partilha, onde os professores de diversas escolas católicas se encontraram,





confraternizaram, aprenderam e compartilharam experiências. Nos demais dias, foi vivenciada a programação da Rede.

No Rio de Janeiro, o encontro aconteceu no dia 1º de fevereiro no teatro do Colégio Vicentino da Imaculada Conceição em Botafogo, e contou com a participação de aproximadamente 300 educadores. O Colégio Vicentino Santa Isabel (Petrópolis), o Colégio Vicentino Padre Corrêa (Petrópolis), a Escola Rural Vicentina São Vicente de Paulo (Rio de Janeiro) e o Centro de Educação Vicentino Casa da Criança São José (São João de Meriti) também se fizeram presentes com seus educadores. Temas voltados ao cotidiano escolar, tendo como base os valores vicentinos, promoveram inúmeros debates, dinâmicas e compartilhamento de experiências. Momentos de espiritualidade e descontração foram parte dessa preparação para o início do ano letivo de 2023.



A 5ª Jornada Pedagógica da Rede Vicentina de Educação converteu-se num marco de reflexão, entusiasmo e espírito de pertença que animou a todos e fortaleceu o projeto pedagógico a ser realizado no ano letivo de 2023. Com as expectativas alinhadas, comprometemo-nos a levar adiante a missão de construir um mundo melhor por meio da Educação. Na certeza de que temos muito trabalho pela frente, destacamos o que permanece em nossos corações e o que fortalecerá a nossa



caminhada diária neste ano: a confiança de que Nosso Senhor Jesus Cristo está sempre presente nos impulsionando.



ACOLHIDA VICENTINA - BÊNÇÃO DAS MOCHILAS

Deixai vir a mim estas criancinhas... (Mt 19,14)

Ir. Maria da Penha Andreon, fc



Movidos pelo convite de Jesus Cristo de cada vez se fazer mais próximos das crianças e jovens, foi realizado em nossas escolas a Bênção das Mochilas e dos materiais escolares. É uma bênção de volta às aulas, um encontro entre a Igreja, a família e a escola, onde os estudantes passam a maior parte do tempo durante o ano. A mochila é símbolo dos sonhos e projetos que carregamos dentro de cada um de nós. Este evento foi intitulado Acolhida Vicentina.

Primeiramente, aconteceu um momento de oração onde entregamos a Deus nosso ano letivo e pedimos que a luz do Espírito Santo guie nossos caminhos. Os sacerdotes das Paróquias locais passaram em todas as salas e pátios, aspergindo, conversando e, acima de tudo, como figura de Cristo, acolhendo os estudantes, que, com olhares atentos e curiosos, mostravam-se gratos e felizes por aquele momento.





◆ REV 2023 ◆

Ir. Sandilene Bocafoli, fc

*“Vocação: Graça e Missão” e o lema “Corações ardentes, pés a caminho”
(cf. Lc 24, 32-33).*

Nos dias 24 a 26 de fevereiro de 2023, aconteceu o REV (Retiro e Encontro Vocacional), em Paraíba/SP, trazendo como inspiração o tema e o lema do Ano Vocacional. Contamos com a participação de 18 adolescentes e jovens, na faixa etária entre 11 e 44 anos de idade, além das Irmãs que compõem a equipe do SAVV, a Comunidade Local do Instituto Santo Antônio, bem como o Padre Vandeir Barbosa de Oliveira, Diretor Provincial.

O encontro teve início na sexta-feira à noite com um momento de acolhida, interação, espiritualidade e bastante animação. Na oração da manhã do dia seguinte, fomos conduzidas a viver um encontro verdadeiro com Jesus e a ouvirmos o seu chamado. Esse convite nos introduziu na dinâmica da primeira roda de conversa do encontro que abordou o tema Vocação como Graça. Ficou forte que toda vocação é uma resposta ao AMOR, e ser amado e amada pelo Senhor é uma graça imensa. Com os corações abrasados por esta certeza, colocamos nossos pés a caminho ao sairmos do Instituto rezando o santo terço até o Cruzeiro da cidade. Bonito perceber o impacto que isso causou nas ruas por onde passamos até chegarmos lá. Depois da





bela caminhada, conversamos sobre Vocação como Missão, pois, “o chamado, que também pressupõe missionariedade, insere-nos na missão de Jesus Cristo segundo o seu próprio ensinamento e medidas, e nos une a Ele como nosso Senhor e irmão no amor ao Pai” (texto-base do 3º Ano Vocacional do Brasil).

O período da tarde foi marcado por mais momentos de conversa e partilha sobre vocação ao fazer memória do que já havia sido partilhado até o momento. Belo perceber a espontaneidade juvenil e, ao mesmo tempo, a Providência de Deus conduzindo cada momento do encontro. Dessa forma, colocamo-nos na presença d'Aquele que é o sentido e a razão de toda a nossa missão vocacional: Jesus Cristo, vivo e presente no Santíssimo Sacramento do altar. Oportunidade ímpar de agradecer a Deus o dom da vida e da vocação de cada uma. A noite foi marcada por uma agradável recreação com bingo vocacional e dinâmicas, animação não faltou!

Iniciamos o último dia do encontro celebrando a fé, por meio da Eucaristia presidida pelo Padre Vandeir que, com sua simplicidade e profundidade, nos ajudou a celebrar nossa consagração batismal, encorajando as jovens a não terem medo de abraçar a vocação que Deus sonhou para elas. Logo em seguida, Irmã Maria Cristina D'Abruzzo, Irmã Servente da Comunidade Local, partilhou com as jovens sobre o Carisma Vicentino e a Companhia das Filhas da Caridade, criando um momento agradável de diálogo, partilha, perguntas e esclarecimentos sobre a vivência da vocação consagrada.

Bendizemos a Deus por nos ter conduzido com tanto carinho ao longo destes dias de encontro, à Província do



Rio de Janeiro por todo apoio para a realização deste encontro, o primeiro depois de muito tempo, bem como à Comunidade das Irmãs do Instituto Santo Antônio que, embora estivesse passando por um processo de obras na casa, não mediu esforços em nos proporcionar um ambiente acolhedor e fraterno. Deus seja louvado!

Que Maria, Mãe da Companhia e das Vocações, continue nos impulsionando a viver este tempo forte que a Igreja no Brasil nos convoca a viver e ser, a partir do nosso testemunho cotidiano.



● ENCONTRO DE ANIMADORAS VOCACIONAIS ●

Ir. Sandilene Bocafoli, fc

*“Vocação: Graça e Missão” e o lema “Corações ardentes, pés a caminho”
(cf. Lc 24, 32-33).*

Entre os dias 10 e 12 do mês de março aconteceu o primeiro Encontro de Animadoras Vocacionais de 2023. O primeiro dia teve um momento de espiritualidade onde fomos convidadas a refletir sobre o olhar para nossa própria vocação. Percebemos que, antes de ser um animador vocacional, devemos nos sentir realizadas em nossa Vocação.

No dia seguinte, iniciamos com a Santa Missa e, logo após, a colocação da Irmã Nazaré (Irmãs do Cenáculo), com o tema: Mística do permanecer - um tema apresentado no texto-base do 3º Ano Vocacional do Brasil. Lembramos que a nossa primeira vocação é a VIDA, é uma alegria que gera, por si mesmo, o cuidado conosco e com os outros.

Irmã Nazaré nos apresentou uma reflexão feita por Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida, sobre 5 pontos que devemos trabalhar para que não atrapalhe a nossa vocação. São eles:

- 1º Apego: é uma raiz que nos mata;
- 2º A rotina: não devemos fazer as coisas por fazer;
- 3º A mediocridade: deixar as coisas como estão, se acomodar;
- 4º A preocupação: destrói a nossa paz;
- 5º A omissão: deixar de fazer o bem e não aproveitar a oportunidade.

Durante todo o dia fomos convidadas a permanecer no amor de Cristo com muita liberdade. Houve momentos de partilha e reflexão sobre nossa Vocação, de forma individual ou em duplas.

À noite, vivenciamos um terço meditando a nossa Vocação como animadoras vocacionais tendo como base o Ano Vocacional e pedindo a proteção de Maria para nossa caminhada como SAVV.

No domingo, antes do término do Encontro fomos avaliar a nossa caminhada como Serviço de Animação Vocacional em nossa Província: acompanhamentos

vocacionais, iniciativas e perspectivas para o ano. Rezamos pelas vocações e por cada Irmã em particular.

“Coragem, minhas Irmãs! Agi sempre com um grande coração, cheio de puro amor a Deus que nos leve a amar as rosas no meio dos espinhos!” (Santa Luísa de Marillac, C. 33, p. 49)



◆ TARDE VOCACIONAL - Vila Velha/ES ◆

Ir. Sandilene Bocafoli, fc

Aconteceu no dia 04 de março um momento muito agradável e descontraído sobre VOCAÇÃO, com 12 jovens no Colégio Vicentino São José, em Vila Velha/ES. Esse momento foi fruto da abertura da Comunidade Local em comunicação com o sacerdote que lá celebra. Não foi a primeira vez que algumas delas tiveram essa proximidade com as Irmãs e conversaram sobre o tema. Justamente por isso, o SAVV da Província foi acionado para aprofundar um pouco mais e estabelecer esse movimento de reflexão, sobretudo por estarmos celebrando o Ano Vocacional. As jovens tinham idades entre 15 a 22 anos, sendo membros engajados na Comunidade Paroquial em diversos ministérios e atividades: coroinhas, ministério de música, liturgia, etc.

Rezemos ao Senhor da Messe para que possamos abrir nossas Comunidades para este movimento vocacional, favorecendo assim espaços de reflexão e partilha sobre Vocação! Nossa gratidão à Comunidade das Irmãs do Colégio Vicentino São José que, de forma tão fraterna e acolhedora, abriram as portas para acolher essa juventude e permaneceram presentes durante todo o momento. Deus seja louvado!



● ENCONTRO DAS AFILIADAS ●

Regina Gamini, afiliada

Depois um bom tempo distantes, por conta da pandemia, as Afiliadas foram convidadas para o IV Encontro de Formação, no fim de semana de 31/03 a 02/04, na Casa Provincial.

Naquela noite de sexta-feira, aconteceu uma festa nos corações vicentinos das 10 **Afiliadas** presentes! Independente de termos nos comunicado, todo tempo, pela internet, estávamos ali, frente a frente! Muitos abraços para matar a saudade...

Acolhidas pelas queridas Irmã Selma, nossa Visitadora, e Ir. Cristina, responsável pelo grupo, a alegria tomou conta da Casa Provincial, onde logo se percebeu o enorme carinho com que tudo foi preparado.

As conversas entusiasmadas do jantar de chegada, pouco a pouco, deram foco à oração, quando, no salão de reuniões, nos deparamos com o belíssimo cenário comemorativo dos 400 anos da LUZ DE PENTECOSTES.

Encerramos a noite num momento de expressiva intimidade com Deus, reavivando a fé, ao adorarmos Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento.

Ao amanhecer daquele belo sábado de sol, após o café da manhã, vivemos um dos momentos mais fortes desse encontro: Refletimos o texto de Jeremias 18, 1-7, onde o Senhor nos convidou a “sermos barro nas mãos do oleiro”... Quanta emoção tomou conta de cada uma de nós, na certeza do quanto somos preciosas para Deus, que tem o melhor de Seus planos para a nossa vida!



Na dinâmica dirigida pelas Irmãs, após um riquíssimo vídeo, pudemos manusear pequenas peças de barro, o que avivou a certeza de que Deus continua investindo em nossas vidas. Ele não abre mão de nos fazer um “vaso novo”.

E chegou o momento de ouvirmos o nosso querido diretor, Padre Vandeir, que discorreu sobre *A VIDA DO LEIGO CRISTÃO À LUZ DOS DOCUMENTOS DA IGREJA*, abordando o documento do Vaticano II, e a importância da vocação e da missão dos fiéis leigos e leigas na Igreja e no mundo.

Ao trazer luz sobre alguns documentos, como o SACROSANCTUM CONCILIUM e a LUMEN GENTIUM, o Padre Vandeir enfatizou a importância de nossa vida orante, ressaltando que nós, leigas, “somos Igreja” e temos a missão de ser fermento, sal e luz nos ambientes em que vivemos.

Por alguns momentos, fomos convidadas a meditar, em tempo pessoal, alguns evangelhos que enriqueceram os temas abordados pelo Padre Diretor, culminando com textos do livro “Caminhar juntos”, do papa Francisco, que nos convida a uma caminhada sinodal, de forma itinerante, semeando sempre na missão.

Como não poderia deixar de ser, Padre Vandeir destacou a figura de MARIA-modelo perfeito da vida do leigo, e preciosa para o carisma vicentino.

E nós, Afiliadas, nos sentimos chamadas à responsabilidade que temos como mulheres cristãs e como Leigas Afiliadas à Companhia das Filhas da Caridade.

Ao entardecer, estávamos na celebração da Eucaristia.

O sábado foi riquíssimo, mas passou tão rápido...

Chegou o domingo... Dia que o Senhor fez para nós!

A Celebração da Eucaristia foi no Santuário, e, logo após, preparamos um “parabéns surpresa” para a aniversariante Ritinha, tão querida por todas nós.



Após o café, nos reunimos para a Partilha, AVALIAÇÃO DO ENCONTRO, comunicações e propostas. Nessa oportunidade, recordamos e reavivamos nossa missão e responsabilidades como AFILIADAS À COMPANHIA, onde, a exemplo de S. Vicente e Santa Luísa, somos convidadas, continuamente, a tornar efetivo e concreto, o nosso amor a Deus e ao pobre! Saímos de lá, imaginando o que

poderíamos fazer para ajudar no PROJETO 13 CASAS! E vamos colocar nossas mãos na massa!

Impossível não agradecer e destacar o carinho e o zelo da Irmã Selma e da Irmã Cristina, formando uma dupla perfeita, nos inspirando, durante todo encontro, a oração, a reflexão e a alegria, numa total sintonia.. Ao Padre Vandeir, mais uma vez, o nosso carinho e admiração!

SOMOS SÓ GRATIDÃO A ESTE “TRIO QUERIDO”!

Agradecemos, também, às Irmãs do Conselho e a todas, que, de alguma forma, contribuíram para estes momentos divinos!

E, após sermos brindadas com a emoção de um vídeo surpresa dos melhores momentos desse fim de semana abençoado, encerramos nosso IV ENCONTRO, num clima de grande alegria, “**deixando florir**” e exalar o perfume de nossa união e amizade...



Que possamos, com as bênçãos de Deus e a proteção da Virgem Santíssima, continuar a caminhar juntas, cada uma do seu jeitinho e de onde estiver, para que, a exemplo de São Vicente e Santa Luísa, tenhamos perseverança e fidelidade em nossa missão de leigas, levando o amor de Deus, a beleza do carisma vicentino e a alegria de um dia termos sido convidadas a SER UMA AFILIADA À COMPANHIA DAS FILHAS DA CARIDADE!



Que venha o nosso V ENCONTRO DE FORMAÇÃO DAS AFILIADAS!

JEITO VICENTINO DE EDUCAR: assim começou, assim continua!

Ir. Raquel de Fátima Colet, fc
Província de Curitiba
raquel.colet@cvsaojose.com.br



Em 2016, as Comissões de Educação das seis Províncias do Brasil propuseram a realização de um evento que atuasse como marco simbólico para a missão compartilhada como Educação Vicentina. A referência escolhida reporta à chegada das doze primeiras Irmãs Filhas da Caridade ao Brasil e início da primeira obra no país, que se deu em 03 de abril de 1849, com a fundação do Colégio Providência, em Mariana/MG. Em 2017, inaugurou-se a comemoração desse marcador comum pela primeira vez.

Em 2023, celebramos o Dia da Educação Vicentina (DEV) pela sétima vez, recordando os 174 anos de nossa presença e atuação em solo brasileiro. Como tudo que acontece na escola é marcado por intencionalidades, é sempre oportuno nos perguntarmos sobre o propósito dessa data e o que ela pode agregar aos nossos processos educativos contemporâneos. Os anos mudam e com eles, nós mudamos, os contextos e nossa missão também se transformam. Como dito por Irmã Suzanne Guillemin, “todo movimento é sinal de vida”. Por isso, é expressão de fidelidade criativa ao nosso carisma e à sua vivência na ação educativa, considerarmos esse potencial de mudança que nos acompanha.



Isso não significa desconsiderar ou relativizar o que foi feito até aqui sob o retórico argumento de que nossos tempos são outros. Pelo contrário: implica a exigente e fecunda tarefa de buscar as intuições originárias que estão na base da missão assumida para que, como ontem, nossa presença continue sendo relevante e eficaz no hoje, em prospecção para os anos vindouros.

Com o intuito de suscitar reflexão, estudo e partilha entre nós, educadoras e educadores vicentinos, compartilhamos alguns olhares que querem nos ajudar a fazer desse marcador comum uma ocasião oportuna de revisita, releitura e revigoração de nossa missão comum.



1. REVISITAR COM GRATIDÃO a memória: objetivamente, o DEV é a recordação de um fato histórico que possui uma relevância singular para nós como Educação Vicentina. Não consiste unicamente na fundação oficial de uma instituição educativa, mas representa um conjunto de situações e propósitos que tem nesse evento seu ponto de chegada e de partida. Isso pode ser percebido no contato com os relatos da época: da solicitação da vinda das primeiras Irmãs, aos preparativos da viagem, chegada, instalação e desenvolvimento da missão, tudo é permeado por um sentido e, sob a referência de um carisma religioso, assumido por uma perspectiva de fé.

Olhar para a história não é uma tarefa simples, porque sempre somos tentados/ as a colocar um pouco mais de “brilho” e deslumbre aos fatos, e assumir a parte protagonista do evento narrado. Não se trata de diminuir o significado deles, mas de termos uma atitude de gratuidade diante das narrativas, não as monopolizando ou condicionando ao nosso ponto de vista. Nossa história não é um case de sucesso

a ser comunicado, mas uma trajetória feita por pessoas reais, em contextos igualmente reais e possíveis para determinado tempo. Isso nos ajuda a cultivar uma gratidão saudável e justa, que não prioriza alguns sujeitos sobre outros ou coloque uma realidade como superior à outra; não nos é útil, nem oportuno cultivar discursos messiânicos acerca de nós mesmos. Muitas vezes, nossa atenção se foca em sujeitos específicos como se fossem heróis ou heroínas que cativam os louros de uma trajetória que, por excelência, foi e é compartilhada.

Nada mais coerente com nossa identidade que colocar em cena, com simplicidade – e simplicidade sob a ótica do carisma significa a verdade – a história narrada por todos os sujeitos que a construíram: o apelo feito pelo bispo vicentino Dom Antônio Ferreira Viçoso ao Superior Geral da Congregação da Missão; o posterior envio das doze Irmãs francesas escolhidas para iniciar a missão das Filhas da Caridade do Brasil; a viagem iniciada em novembro de 1848, a bordo do navio que as conduziu até o solo brasileiro; a acolhida inicial no Rio de Janeiro, em fevereiro do ano seguinte, no convento das Irmãs Franciscanas; a longa viagem sobre o lombo de cavalos que durou de março até o célebre 03 de abril; a recepção calorosa e curiosa da população de Mariana; os progressos e desafios, conquistas e equívocos vivenciados nas mais de dezessete décadas que nos aproximam daquele evento... tudo isso é história, é a nossa história, tecida por muitas mãos, muitas delas ignoradas pela literatura ou pelas narrativas que chegaram até nós, mas todas igualmente importantes.

Se assumimos que somos uma Comunidade Aprendente, olhamos para o caminho percorrido até aqui e nos sentimos agradecidos/as pela generosidade de aprender daqueles e daquelas que nos precederam. Como filhos/as do seu tempo – e isso nos previne de análises anacrônicas – eles/as palmilharam um itinerário que recebemos como dádiva, legado e compromisso. Ao rememorar um fato histórico, o DEV nos convida a assumir essa história como nossa, acolhê-la, amá-la e potencializá-la com as presenças e recursos de nosso tempo.



2. RELER COM LUCIDEZ os contextos que envolvem a missão: em sintonia com o que acenamos anteriormente, o DEV não é um evento desconectado da atualidade, mas necessariamente nos traz a pergunta sobre o tempo presente. Se a memória agradecida nos sugere contextualizar historicamente o que celebramos, coloca-se igualmente como imperativo uma releitura lúcida dos contextos múltiplos que envolvem nossa missão. Eles extrapolam os territórios geográficos e simbólicos de nossas Instituições Educativas, e ecoam as grandes questões que envolvem o humano, a sociedade, a cultura, o planeta.

Se olharmos para o contexto brasileiro na época do início da Educação Vicentina, durante o período imperial, com fortes influências do liberalismo e, por outro lado, por uma postura eclesial de enfrentamento do projeto liberal conhecida como ultramontanismo, observaremos que a vinda e instalação das Irmãs francesas tem uma intencionalidade, marca uma posição. Sem a intenção de emitir juízos de valor sobre tal contexto, pois outros estudos podem se ocupar dessa tarefa, percebemos que a presença e atuação da missão educativa vicentina no país possuem uma 3 dinâmica contextual que reconhece a relevância da educação na transformação das pessoas e, a partir delas, da sociedade. De igual forma, com as possibilidades de leitura próprias daquela época, dá destaque à contribuição cristã nesse processo.

Em grande medida, as Instituições Vicentinas são lembradas e buscadas pelos valores de tradição que agregam ao processo educativo, tradição essa que precisa ser entendida não como refúgio em um passado glorioso e ideal(tradicionalismo), mas enquanto continuidade criativa dos valores essenciais que estão presentes nas experiências originárias. Se os contextos mudam, as linguagens, metodologias e chaves de leitura de mundo também precisam ser atualizadas para que nossa missão possa ser entendível e fazer sentido para os sujeitos de hoje.

Uma releitura lúcida dos contextos atuais, como adjetivamos nesse tópico, nos colocam diante de um desafio muito específico que é a capacidade – e também a coragem – de assumirmos e comunicarmos uma proposta educativa que dialogue ativamente com as realidades do nosso tempo, que nos insira no aprendizado de uma gramática que leve em conta os contextos de hoje. Somos conscientes que nossa missão educativa é uma boa notícia que podemos e devemos traduzir em presenças de amor-serviço, e que ela possui relevância humanística e social. Porém, muitas vezes, o modo como comunicamos isso só é acessível a nós mesmos – e nem sempre.

Se olharmos a história, durante os primeiros meses em Mariana/MG, o empenho inicial das Irmãs foi aprender o idioma local para estabelecer vínculos com a população e bem desenvolver a missão recebida. Elas estavam cientes de que, sem esse esforço pessoal e coletivo, permaneceriam como estranhas e alheias no novo espaço que assumiram como sua nova casa. Não se faziam entender e, ao mesmo tempo, não entenderiam o que lhes seria comunicado.

Essa é uma ilustração simbólica muito significativa para hoje: em tempos de pluralismo cultural e religioso, globalização econômica, inteligência artificial, metaverso e tantos outros dinamismos da cultura digital, qual é o idioma que também nós precisamos aprender ou aprimorar? Diante das muitas pobreza contemporâneas, qual precisa ser a gramática do Carisma Vicentino?

Quem entende de linguística e tradução, sabe que a aprendizagem de um idioma não se resume à memorização ou transliteração de palavras, ou registros dessas com outros caracteres gráficos. Palavras têm contextos e só fazem sentido quando inseridas neles. Pensando pedagógica e pastoralmente, a releitura de contextos nos convida a verificar como nos apropriamos das ferramentas e instrumentos contemporâneos de gestão e reflexão, que podem qualificar o modo como comunicamos e efetivamos nossa ação educativa. Na verdade, no momento atual, percebemos que isso não é mais uma questão de escolha, mas de necessidade: ou assumimos um sério processo de revitalização, qualificação e profissionalização do que fazemos, ou colocamos nossas Instituições Educativas sob o risco de desaparecerem. Nós, no entanto, podemos escolher encarar esse desafio como uma ameaça ou uma oportunidade de amadurecermos no que somos e fazemos.

3. REVIGORAR COM CRIATIVIDADE a paixão pela educação: e, se nos perguntassem, como educadores/as e diante de tantos desafios, o que nos mantém de pé? Nossas respostas certamente seriam múltiplas, mas tendem a convergir para um mesmo horizonte: a causa, o propósito, a paixão por aquilo que fazemos – educar! Todos os dias vemos nos canais de comunicação, ou presenciamos em nosso círculo mais próximo de relações, situações que interpelam aqueles/as que se dedicam à educação. A violência nas escolas que chega ao limite de ceifar a vida de educadores e



estudantes, a ausência de uma reflexão estrutural séria no país e no mundo sobre a educação enquanto direito de todas as pessoas, as questões de saúde mental que afetam a comunidade escolar, entre tantas outras.

Então, por que ainda fazer educação hoje? Novamente, retomamos um elemento histórico acenado anteriormente para nos motivar a refletir sobre isso: as pessoas envolvidas nos primórdios da Educação Vicentina no Brasil estavam cientes do propósito dessa obra, do que ela poderia representar para aquele contexto, e investiram nisso seus talentos e energias, empenho assumido por uma igual confiança de que o que se objetivava era tecido pelas mãos da Providência de Deus, que aliás, nomeou a primeira obra fundada.

Encontramos ressonância dessas motivações nas inspirações que nos advém do tão atual Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco, e que nos recorda que a educação é caminho imprescindível para que este mundo seja, de fato, casa comum e casa de todos/as; ou, nas palavras do Evangelho, uma casa

de vida em abundância para todos/as (cf. Jo 10,10). Para que isso aconteça, a referência dos processos educativos não são os resultados ou os conteúdos, mas as pessoas. Na construção dessa aldeia global, todos/as podemos e devemos colocar a serviço os dons e talentos que possuímos, independentemente de nossa cultura, condição social ou pertença religiosa.



O revigoramento criativo de nossa paixão pela educação passa por esse sentido de pertença e de responsabilidade compartilhada: nós não estamos sós, mas nossa voz se une a um coro muito maior. Os números nos ajudam a perceber a dimensão disso: somos, no Brasil, quase quatro mil educadores/as vicentinos/as. Temos consciência do potencial que isso representa, de quantas pessoas e experiências aprendentes são tocadas diariamente por nós, de forma direta ou indireta? Conseguimos perceber o quanto nossos valores e nossa competência pedagógica podem contribuir para a formação de pessoas maduras e saudáveis, social e ecologicamente responsáveis, profissionalmente preparados e interiormente integradas?

Quando nos sentirmos pequenos/as diante dos desafios, que possamos alargar o olhar e perceber que há muito mais gente na ciranda da Rede Vicentina do que imaginamos. Pelo carisma e pela missão comum, nos sentimos irmanados, e podemos fortalecer nossa rede de apoio e formação compartilhada. Onde avistarmos um “V” com o encontro dos vértices em forma de mãozinhas, poderemos dizer que o propósito que essa marca traduz diz respeito a nós, nos afeta, nos apaixonou, nos move.



Gratidão, lucidez e criatividade: que a ressonância dessas palavras nos ajude a bem celebrar o DEV deste ano e a bem-viver o Jeito Vicentino de Educar todos os dias.



◆ É PÁSCOA! ◆

Regional São Paulo

Ainda vivendo as alegrias da ressurreição do Senhor, as Irmãs das comunidades do Regional de São Paulo e a afiliada Cynthia Carvalho se reuniram no dia 22 de abril de 2023, no Colégio Vicentino de Cegos Pe. Chico para sua confraternização de Páscoa.

Após a acolhida e o tradicional cafezinho, aconteceu a Eucaristia presidida pelo pároco, Pe. Bóris Augustin Nef Ulloa, que fez uma homilia partilhada e fraterna. No ofertório, Irmãs de cada comunidade apresentaram símbolos da Páscoa, como expressão de alegria e gratidão pela esperança que brota da ressurreição de Jesus. Um sinal de comunhão intercongregacional foi a presença da Irmã Sara, da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração do Verbo Encarnado, que animou a missa tocando e cantando.

Em seguida, as Irmãs, os padres e seminaristas da Paróquia compartilharam um delicioso almoço e votos de um fecundo tempo pascal.

Ir. Maria Aparecida Ramos e Comunidade

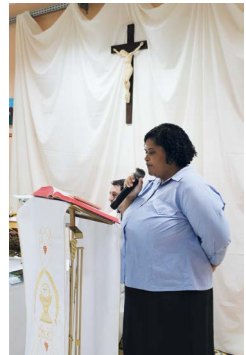


Regional Rio

“Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia”. (Jo 6:40)



No dia 29 de abril de 2023, aconteceu no Colégio Vicentino Padre Corrêa a confraternização de Páscoa das Comunidades do Rio de Janeiro. A Confraternização teve início com a Santa missa presidida pelo Padre Vander. A missa foi bem dinamizada e contou com a participação de todas as comunidades e das Afiadas. Na ação de graças, organizamos um grande girassol, simbolizando a nossa Província e as Comunidades do Rio de Janeiro que a compõem.



O significado do girassol é: “flor do sol”, pois sempre está em busca do sol para se manter vivo. Na Páscoa utilizamos o girassol para representar a busca da luz que representa Jesus Cristo, luz que ilumina o mundo. Portanto, cada comunidade, cada um e cada uma de nós devemos ser a luz de Cristo para todos aqueles aos quais nós atendemos, de modo especial, os mais Pobres.



Logo após a celebração fomos para a quadra, onde os alunos do Balé e sapateado fizeram uma belíssima apresentação. As Irmãs ficaram encantadas com tanta dedicação desses alunos. Então entregaram uma pequena lembrancinha para cada um deles. Na sequência foi oferecido um delicioso almoço. O ambiente estava bem propício para essa vivência fraterna.



Celebrar a Páscoa do Senhor nos dá a certeza de que Cristo ressuscitou, vive entre nós, é Senhor dos vivos. Feliz Páscoa!

Ir. Vanessa Oliveira Rosa e
Comunidade

Espírito Santo

A Páscoa do Colégio Vicentino São José

Inspirados pelas orientações das Filhas da Caridade e o modo Vicentino de celebrar, com muita alegria, nós, professores de Ensino Religioso e Pastoral Escolar vivenciamos a Páscoa com nossos alunos.

Nesta celebração tão importante, conseguimos a participação e o envolvimento dos nossos alunos levando até eles o verdadeiro sentido da Páscoa: a ressurreição de Jesus Cristo. Foi um momento de reflexão que reuniu a comunidade escolar,



com mensagens de amor, fé e perdão, onde refletimos sobre o amor de Jesus Cristo por todos nós e que devemos ser instrumento desse amor para todos.

Foi um momento dinâmico e lúdico, de renovação da fé e um lembrete de que, assim como a primavera traz consigo o florescimento da natureza, a Páscoa nos convida a renovar nossa fé e encontrar esperança em tempos de desafios.





Dourados (MS)

A Comunidade Nossa Senhora da Missão em Dourados celebrou a Páscoa em Bonanza. Em seguida, houve a confraternização para as crianças sem teto da comunidade Vitória. As Irmãs distribuíram bombons, salgados e bebidas para as crianças, tudo recebido de um grande benfeitor.



Chapadão do Sul

Sinais do Ressuscitado

Ir. Maria Rita Barreto da Rosa, fc

Recebemos o pedido da Província de que partilhássemos uma pequena notícia de como as Comunidades Inseridas nos Meios Populares celebraram a Páscoa no Mato Grosso do Sul. Revisitando as celebrações em Chapadão do Sul, um mesmo testemunho despontou na memória de todas as Irmãs que compõem a Comunidade: o do Anjo que anunciou a Ressurreição.

Desde março de 2022 temos experimentado, no Centro Socioeducativo Nossa Senhora das Graças, muitas manifestações de Cristo, presença silenciosa em realidades de dor e sofrimento, mas que ali não se acomoda: Ele transforma muitos sepulcros em Vida.

Assim aconteceu com a adolescente E.G., de 14 anos de idade, que conhecemos ano passado em uma “boca de fumo”. Ela acabava de retornar à cidade, acompanhada de sua mãe. Seus irmãos, em conflito com a lei, precisaram se refugiar em outros estados e/ou municípios. E., filha mais jovem, permaneceu sob os cuidados maternos após a separação dos pais e dos irmãos. Relações estáveis, diante de todo este contexto familiar, ela não conhece.

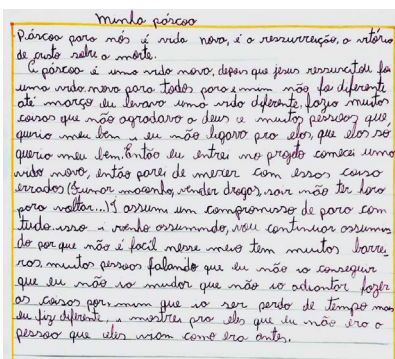
Inicialmente não tínhamos espaço para abordá-la nas circunstâncias em que se encontrava: do uso de drogas, passara ao tráfico – conveniente aos adultos, considerando sua pouca idade e incapacidade de responder legalmente por seus atos. Mas os caminhos, Deus vai escrevendo... Em janeiro deste ano, precisamos sepultar um menino “nosso”... Esta ocasião de perda e de dor se revelaria, porém, manifestação de Vida alguns meses mais tarde.

Após aquele reencontro, tivemos a oportunidade de visitar a adolescente, abrindo um horizonte desconhecido não apenas para ela, mas também para nós... Ainda não conhecíamos o caminho a trilhar. Como Marta e Maria, diante da doença de Lázaro, e confiantes nas infinitas possibilidades do amor, pudemos apresentar a Jesus aquela menina, cuja infância lhe fora tirada, dizendo-lhe: “Senhor, aquela que amas está doente”. Deixamos nossa condição de impotência, de aparente inutilidade, para buscar oferecer àquela adolescente o amor de Deus, que passa por gestos de acolhida e pelo testemunho do Evangelho, a única Palavra que talvez estes meninos e meninas consigam ler...

No mesmo dia da visita, E. aceitou nos acompanhar até o Centro Socioeducativo, que anos atrás ela já havia frequentado na companhia de seus irmãos... As circunstâncias atuais eram, porém, totalmente diferentes, e encarar toda essa novidade foi, de certo, desafiador. Enfrentando sua situação de fragilidade, E. abriu-se à Vida Nova que Jesus, vencendo a Morte, ofereceu a cada um de nós. Participando com assiduidade e interesse de todas as atividades, logo ganhou o reconhecimento dos educadores sociais, que viram, nela, uma história de Ressurreição. Diante de tantas circunstâncias que colocavam pedras pesadas sobre sua trajetória, acolher a Vida é deixar os sepulcros da marginalização, dos vícios, da violência e da falta de dignidade. Esta Páscoa pôde ser anunciada pela adolescente, que na representação da Paixão afirmou a todos: “Eu sei que estão procurando Jesus, o Crucificado. Ele não está aqui, pois ressuscitou!” (Mt 28, 5s.). Com sua Vida Nova, a adolescente E. nos testemunha a Ressurreição:

“Minha Páscoa: Páscoa para nós é vida nova, é a Ressurreição, a vitória de Cristo

sobre a morte. A Páscoa é uma vida nova, depois que Jesus ressuscitou foi uma vida nova para todos, para mim não foi diferente. Até março eu levava uma vida diferente, fazia muitas coisas que não agradavam a Deus, e muitas pessoas que queriam meu bem eu não ligava para elas, elas só queriam o meu bem. Então eu entrei no projeto, comecei uma vida nova. Então parei de mexer com essas coisas erradas (fumar maconha, vender drogas, sair e não ter hora para voltar...). E assumi um compromisso de parar com tudo isso e venho assumindo, vou continuar assumindo, porque não é fácil, nesse meio tem muitas barreiras, muitas pessoas falando que eu não ia conseguir, que eu não ia mudar, que não ia adiantar fazer as coisas por mim, que ia ser perda de tempo. Mas eu fiz diferente, e mostrei para elas que eu não era a pessoa que eles viam como era antes". (E.G., 14 anos de idade, Chapadão do Sul – MS)



Recentemente E. aceitou fazer um tratamento de desintoxicação, sendo acompanhada por um médico psiquiatra que vem atendendo gratuitamente os adolescentes encaminhados pelo Centro Socioeducativo, e pela psicóloga que semanalmente realiza o acompanhamento no Projeto. Ingressou, também, na Pastoral do Menor, fazendo parte da Escola de Cidadania, espaço que busca valorizar e dar voz aos adolescentes, desenvolvendo sua capacidade crítica e dando espaço ao seu protagonismo. Retomou os estudos, reingressando no 7º ano do Ensino Fundamental.

E., em sua fragilidade e pouca idade, acolheu a Vida Nova que Jesus oferece a cada um de nós. Que seu testemunho nos ajude a deixar os sepulcros da indiferença, do comodismo e das falsas seguranças, arriscando-nos a sair porta afora... ir para... Encontrar!



Rondônia

Páscoa é tempo de renovar a nossa fé, louvar, agradecer e celebrar. Abrir os braços, acolher e ser acolhido, fortalecer os vínculos, ser presença nas comunidades e nas famílias.

Nós da comunidade Interprovincial Santa Luísa de Marillac tivemos a graça de vivenciar e sentir um pouco de tudo isso neste Período Pascal na nova Missão de Rio Pardo, distrito de Porto Velho/Rondônia. Foi um momento de celebração, encontro e partilha entre as famílias das comunidades.



Agradecemos a Deus por toda a experiência vivida neste período. Que esta presença do Cristo ressuscitado seja esta luz em nossa missão e nossas vidas. Louvamos e bendizemos a Deus por estes dois meses de experiências vividas nesta missão de Rio Pardo.



◆ ENCONTRO DE IRMÃS JOVENS ◆

Ir. Maria Rita Barreto da Rosa, fc

Aconteceu na Casa dos Pobres São Vicente de Paulo, em Nova Friburgo – RJ, entre os dias 24 e 26 de abril, o Encontro de Irmãs Jovens até 10 anos de vocação. Participaram deste momento formativo e fraterno as Irmãs Lúcia Inácio Moraes, Elisa Cássia Nobre, Vanessa Oliveira Rosa e Maria Rita Barreto da Rosa, além da equipe composta por Ir. Bernadete Pinho, responsável pela etapa da formação inicial em missão, Ir. Selma Aparecida dos Santos, Visitadora Provincial e o Pe. Vandeir, Diretor da Província do Rio.

Tendo como lema “que todos nós cheguemos ao estado do Homem Perfeito, na medida e estatura da plenitude de Cristo” (Ef 4, 13), foi abordado o tema da maturidade em suas diversas, porém interdependentes, dimensões – humana, espiritual e comunitária. Durante os momentos formativos, pudemos partilhar um



pouco a missão desenvolvida por cada Irmã Jovem e sua Comunidade, dividindo experiências, renovando o ardor, e crescendo no sentimento de pertença à Companhia.

A realização do Encontro em uma Comunidade local proporcionou, também, momentos de convivência com as Irmãs da Casa, bem como a aproximação da realidade da missão ali desenvolvida com os

acolhidos. Foram marcantes os momentos de lazer com a Comunidade, animados pelo jogo “Rummikub”. O café com os residentes, na Cozinha Caipira, deu um sabor mais que especial ao encontro, proporcionando a todos os participantes uma profunda experiência de nosso Carisma através da partilha não apenas da refeição, mas também de si próprios, criando um clima de alegria, entusiasmo, leveza e proximidade ao redor da mesa.

A todos os envolvidos, nosso muito obrigada por rezarem e planejarem cada momento! Até o próximo Encontro!



◆ ENCONTRO VICENTINO: VOCAÇÃO E MISSÃO ◆

No dia 30 de abril, a Família Vicentina do Rio de Janeiro promoveu na Escola Rural São Vicente de Paulo um grande encontro vocacional como resposta à celebração do 3º Ano Vocacional do Brasil. O encontro contou com a participação de jovens de diversas localidades da Baixada Fluminense, da zona oeste e do centro da cidade. Foram realizadas diversas atividades como: momento de formação, espiritualidade, apresentação dos Ramos presentes em nosso Regional Rio, dinâmicas, música e muita alegria!



Encerramos o intenso dia, ao redor do altar do Senhor, rendendo graças pela iniciativa e tudo oferecendo ao Senhor da Messe e Pastor do Rebanho, para que possa fecundar nossas iniciativas pastorais e o coração de todos os jovens que participaram deste momento. Deus seja louvado!!



NOSSAS IRMÃS NA CASA DO PAI

Ir. Maria do Carmo Pereira dos Santos

Nasceu no dia 13 de março de 1924, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. Filha de Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos e Georgina Marcella Pereira de Carvalho Santos.

Querendo responder ao chamado do Senhor, ingressou na Companhia das Filhas da Caridade a 29 de junho de 1949 e foi enviada em Missão no dia 08 de maio de 1950.

Irmã Maria do Carmo sempre se esforçou para viver a união com Cristo, mostrava-se muito piedosa, dedicada e atenciosa para com as Irmãs e para com os pobres a quem serviu.

Procurou viver sua consagração num clima de amizade e fraternidade e realizava tudo o que lhe era pedido numa grande disponibilidade. Dizendo que queria realizar mais, porém o tempo sempre era curto. Vivenciava o Carisma da Companhia com espírito de fé, colocando a Palavra de Deus como prioridade na sua Vida.

Passou fazendo o bem nas seguintes Casas:

No estado das Minas Gerais:

- Colégio de Barbacena e São João Del Rei.

No estado do Rio de Janeiro:

- Colégio da Providência;

- Colégio da Imaculada Conceição;

- Colégio Santa Isabel;

- Dispensário de Niterói;

- Casa Santa Luísa de Marillac;

- Cidade dos Velhinhos Santa Luiza de Marillac (Jacarepaguá);

- Casa Rosalie Rendu e Casa Mére Blanchot.

No leito do Hospital São Vicente de Paulo, o Senhor a chamou para sua morada eterna no dia 06 de março de 2023, com 98 anos de idade e 74 de vocação.



Que o exemplo de Irmã Maria do Carmo em responder generosamente ao chamado do Senhor, entregando sua vida com humildade, simplicidade e caridade, ajude-nos a dizer um SIM generoso como o dela e como o de Maria, a única Mãe da Companhia, e intensifique a nossa fidelidade em concretizá-lo todos os dias até o fim de nossas vidas.

Ir. Maria Celeste Lima Fontenelle

Nascida no dia 30 de julho de 1928, em Aracati/CE, foi levada à pia batismal no dia 16 outubro no mesmo ano por seus pais, Carlyle Barreira Fontenelle e Olga Lima Fontenelle.

Aos vinte e um anos de idade teve a alegria de ingressar na Companhia das Filhas da Caridade no dia 14 de julho de 1949.

Ir. Maria Celeste era uma pessoa simples, piedosa, amável, sensata e dedicada.

Movida pelo seu grande amor aos Pobres, procurava entrar em contato com os mais necessitados, fazendo tudo o que estava ao seu alcance para ajudá-los. Ela semeou o bem e fez brotar, pelo seu testemunho, a semente do amor, da paz e da fraternidade.

Ir. Maria Celeste via nos acontecimentos uma caminhada para Deus.

Fiel ao Espírito da Companhia, doou sua vida a Deus, servindo-O na pessoa dos Pobres nas seguintes Casas, por onde passou:

- Olinda/Pernambuco;
- Nogueira – Petrópolis/RJ;
- Colégio Padre Corrêa – Petrópolis/RJ;
- Colégio da Imaculada Conceição – Rio de Janeiro/RJ;
- Educandário São Vicente de Paulo – Rio de Janeiro/RJ;
- Colégio Santa Isabel – Petrópolis/RJ;
- Casa Mère Blanchot – Rio de Janeiro/RJ

No dia 13.04.2023, com 94 anos de idade e 73 anos de vocação, o Senhor Deus chamou a Si aquela que viveu no seu existir o dom da fidelidade!



Que o Bom Deus a recompense por todo o bem que realizou aos nossos irmãos em situação de vulnerabilidade social.

Maria, a Mãe das Graças, a acompanhe ao encontro d'Aquele que é o autor da verdadeira vida, que jamais terá fim.

O Senhor a receba na morada celeste e conceda-lhe o descanso que lhe foi reservado desde toda eternidade.

SOLIDARIZANDO-NOS COM AS NOSSAS IRMÃS NA DOR



- **Ir. Maria Inácia Leite - primo**
- **Ir. Nilma das Graças da Silva - mãe**
- **Ir. Ercília de Jesus Bendine - prima**
- **Ir. Joselinda Santos - irmã**
- **Ir. Selma Aparecida dos Santos e Ir. Adriana Aparecida Santos - mãe**



COMPANHIA DAS
FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO
PROVÍNCIA DO RIO DE JANEIRO



Província do Rio de Janeiro

Comunidade
Colégio Rural
São Vicente de Paulo

Comunidade
Casa Provincial

Comunidade
Padre Corrêa

Comunidade
do Hospital

Comunidade
Casa da Criança

Comunidade
Mãe Blanchot

Comunidade
Laternas Laboure

Comunidade
Colégio Santa Isabel

Comunidade
Casa Rosali Rendu

Comunidade
Casa dos

Arlidas

padres

Família
Vicentina

Companhia das Filhas da Caridade

Rua Dr. Satamini, 333 - Tijuca
Rio de Janeiro
CEP 20.270-233
Telefone: (21) 2563 9450
filhasdacaridaderj.org.br